Num. 350 Sabbado 6 de Março de 1915 Anno VIII

GRANDE PREMIO NA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1908

NEGOCIATAS SUBMERSAS

O pescador de Itajubá, vai revolver o charco. Dentro em breve os velhos escandalos começarão a fluctuar.

Entre amigos

— Mas, que diabo! não vejo razão para continuares a andar de cara triste!

— Razão tenho e de sobra.

— Não comprehendo. A Adelia acceitou as tuas palavras, as tuas flores, as joias que lhe offertaste; acceita as tuas cartas diarias, continúas fazendo-lhe a côrte todas as noites, acceitou o teu pedido de casamento... não vejo razão para tristezas!...

— E' que não sabes que ella acceitou tambem o meu rival.

É de grande importancia que as mães sejam bons exemplos de robustez. Em todos os periodos da maternidade deve tomar-se a

EMULSÃO DE SCOTT

SÓ

É CALVO QUEM QUER
PERDE O CABELLO QUEM QUER
TEM BARBA FALHADA QUEM QUER
TEM CASPA QUEM QUER

PORQUE O PILOGENIO

Faz nascer novos cabellos, impede a sua quéda, faz vir uma barba forte e sadia e faz desapparecer completamente a caspa e quaesquer parasitas da cabeça, barba e sobrancelhas. Numerosos casos de curas em pessoas conhecidas, provam a sua efficacia

BEXIGA, RINS, PROSTATA, URETHRA

A URUFORMINA GRANULADA de Giffoni é um precioso diuretico e antiseptico dos rins, da bexiga, da urethra e dos intestinos. Dissolve o acido urico e os uratos. Por isso é ella empregada sempre com feliz resultado nas influencia renal, cystites, pyetites, nephrites, pyelo-nephrites, urethristes chronicas, inflamação da prostata, catharro da bexiga, typho abdominal, uremia, diathese urica, arêas, calculos, etc.

As pessoas idosas ou não que têm a bexiga preguiçosa, e cuja urina se decompõe facilmente devido a retenção, encontram na URUFORMINA de GIFFONI um verdadeiro ESPECIFICO porque ella não só facilita e augmenta a DIURESE, como desinfecta a BEXIGA e a URINA evitando a fermentação desta e a infecção do organismo pelos productos dessa decomposição. Numerosos attestados dos mais notaveis clinicos provam a sua efficacia. Vide a bulla que acompanha cada frasco.

ENCONTRA-SE NAS BOAS DROGARIAS E PHARMACIAS DESTA CAPITAL E DOS ESTADOS E NO

Deposito: Drogaria Francisco Giffoni & C. — 1º de Março, 17 — Rio de Janeiro

O trabalho não deshonra

O dr. Pirassinunga chegou á cidade do Jequitinhonha, num domingo, á noite. Era um medico, natural de um dos Estados do Norte, que tendo sido na sua terra de um caiporismo atroz (a palavra «urucubaca» ainda não estava em voga) ia explorar a clinica naquella cidade mineira.

No outro dia pela manhã, depois de barbear-se e vestir o seu melhor terno de roupa, sahiu de seu quarto e foi para a sala de jantar do hotel, afim de tomar café. Mal havia se assentado á mesa, de costas para uma janella, ouviu uma voz bem conhecida, cantarolar numa melopéa plangente:

— Para as almas santas bemdictas!

Voltando-se rapidamente reconheceu... quem? Santo Deus! O seu amigo e collega de turma na Faculdade da Bahia: o dr. Felisbino Junior, vestido de opa verde, tendo na mão um mealheiro de velludo da mesma côr, a pedinchar para a missa das almas!

O dr. Pirassinunga não conteve a sua indignação:

— Que decadencia e falta de compostura, collega! Um medico a mendigar para as almas!

— Que havia de fazer? respondeu, humilhado, o dr. Felisbino Junior. A clinica aqui está pessima. E assim arranjei com o vigario esse emprego que me rende uns trinta mil réis por semana.

— Como assim?

— No meu gyro, cada segunda-feira, costumo tirar uns setenta e ás vezes oitenta mil réis, sendo para mim a metade das esmolas. Mas o pedidor do Santissimo, que sahe ás quintas-feiras, tira sempre mais: noventa, cem mil réis... E o lugar agora está vago, pois justamente hontem morreu o velho Manoel Torresmo que o occupava.

O dr. Pirassinunga, de um salto, apertou a mão do collega.

— Pois então Felisbino, por favor, arranje-me com o vigario, hoje mesmo, esse emprego, pois ha mezes ando a tinir, sem um vintem, numa pindahyba onça.

C.

Os nossos juizes

O commendador Antonio Martins foi eleito de uma feita juiz de paz lá de Porto Novo. Isso foi no principio de sua carreira que depois converteu-se em uma série de ininterruptos triumphos. Mas nesse tempo nem o commendador era advogado provisionado, nem possuia o Larousse na sua bibliotheca. De sorte que levaram-lhe uns autos para sentenciar. O commendador leu as razões da defesa; leu as da accusação e achou-as todas muito boas, de maneira que grave foi o seu embaraço para decidir a questão. As partes solicitavam insistentemente o julgamento. Por fim, no dia em que se exgotava o prazo, lavra o commendador esta luminosa sentença que correu todo o Brazil de Sul a Norte e de Leste a Oeste provocando a admiração sem descrepancia de toda gente:

«Vistos e examinados estes autos, e attendendo ás boas razões apresentadas pela defesa e pela accusação, em minha consciencia julgo que empataram.»

Redacção e Officinas: — Rua da Assembléa, 70 — Rio de Janeiro

ASSIGNATURAS
ANNO . . . 15$000 | SEMESTRE . . . 8$000

NUMERO AVULSO
CAPITAL . . . 300 Rs. — ESTADOS . . . . 400 Rs.

END. TELEG. KÓSMOS — TELEPHONE N. 5341

N. 350 — RIO DE JANEIRO — SABBADO — 6 — MARÇO — 1915 — ANNO VIII

A revolução fracassada

O facto culminante e quasi sensacional da semana passada foi a descoberta feita pela policia do plano de um movimento subversivo, sobre o qual correm algumas versões desencontradas. *Auctores utroque trahunt.*

Segundo alguns tramava-se contra a permanencia do dr. Wenceslau na presidencia da Republica, e o chefe desse movimento seria o sr. Pinheiro Machado, despeitado por causa do protelamento da solução do caso fluminense e por outros arranhões no seu prestigio feitos pelo actual governo. O chefe do P. R. C. partiria para Poços de Caldas, deixando todos os papeis destribuidos na execução da bernarda. Victoriosa esta, o sr. Urbano Santos assumiria a presidencia da Republica e telegrapharia ao senador riograndense, chamando-o a esta cidade. Simultaneamente com a deposição do dr. Wenceslau, seria obrigado o dr. Nilo Peçanha a entregar o governo do Estado do Rio, ou ao tenente Feliciano Sodré, ou a qualquer pessoa de confiança do senador gaúcho.

Conforme essa versão, estariam envolvidos na conspiração o ministro da Marinha, almirante Alexandrino de Alencar, varios militares de alta patente, senadores, deputados, e até o general Setembrino de Carvalho, que está no Contestado a combater os fanaticos.

Chegaram a affirmar que, no dia da "estrallada" não se achariam aqui nem o ministro da Marinha, nem o vice-presidente da Republica, que, por medida de prudencia iriam assistir de longe ao "frigir dos ovos."

O signal convencionado da bernarda seria um tiro de canhão, dado pelo navio chefe que entrasse no movimento, provavelmente o "Minas Geraes." A acção em terra obedeceria tambem a esse signal, e deveria ser feita aqui e em Nictheroy.

Entre os documentos que estão em mãos das autoridades policiaes, dizem haver mappas traçados com grande habilidade profissional. No primeiro instante o "Minas", o "São Paulo" e outros vasos de guerra ficariam em determinados pontos, atacando duas dessas unidades simultaneamente Nictheroy e o palacio do Cattete.

Para que semelhante ostentação de força? accrescentamos nós. Si a mashorca conseguisse triumphar, em vez de atacar inutilmente o palacio presidencial vasio, bastaria o seu chefe telegraphar para Itajubá ao Dr. Wenceslau Braz: "Tenho o prazer de communicar-vos que acabaes de ser deposto da presidencia da Republica. Attenciosas saudações".

Sobre essa confusa e mysteriosa conspiração corre outra versão diametralmente opposta á que acabamos de expôr. O fim da mashorca seria o assassinato do general Pinheiro Machado, a confiscação dos bens de todos os politicos e negocistas que se têm enriquecido criminosamente á custa do erario publico e da miseria da nação (como distinguil-os todos, de 89 para cá ?) e o estabelecimento de uma junta governativa.

Si houve realmente qualquer conspiração contra os poderes constituidos da Republica, ou algum plano de massacre contra as sanguesugas do povo (e não uma exploração do descontentamento dos estivadores, como somos levados a crêr), o facto é que a ameaça da Hydra não foi além do susto e entre mortos e feridos todos passam muito bem.

ARCHIVO UNIVERSAL

A população da Allemanha. — A população da Allemanha teria attingido actualmente seu maximo, segundo um estudo de M. Martin Saint-Léon, conservador do Museu Social. A proporção dos nascimentos baixou, desde 40 annos, de 12 por cento; mas a mortalidade não soffreu uma diminuição correspondente, beneficiando dos progressos da hygiene.

Em 1914, a Allemanha tinha 66 milhões de habitantes, quando, em 1871, só contava 41 milhões. Mas as perdas da guerra já baixaram muito esse total.

*

O somno dos insectos. — O somno das borboletas sobrevem das 17 ás 18 horas. Ellas pousam, para dormir, na haste da flor, quando ainda o sol se acha acima do horizonte, e só despertam pelas nove ou dez horas. Um naturalista poude conduzir 50 a 60 borboletas adormecidas a uma distancia de cem metros em hastes de «vergas de ouro.» Todo o mundo póde, pelas manhãs, facilmente apanhar as borboletas dorminhocas.

As bruxas nocturnas só apparecem á noite, entre as 21 e 22 horas, e readormecem antes do dia, mas dormindo, como as borboletas diurnas, cerca de 16 horas.

As libélulas parecem dormir, como as cigarras e borboletas, e póde-se vel-as dependuradas dos galhos, faceis de apanhar-se.

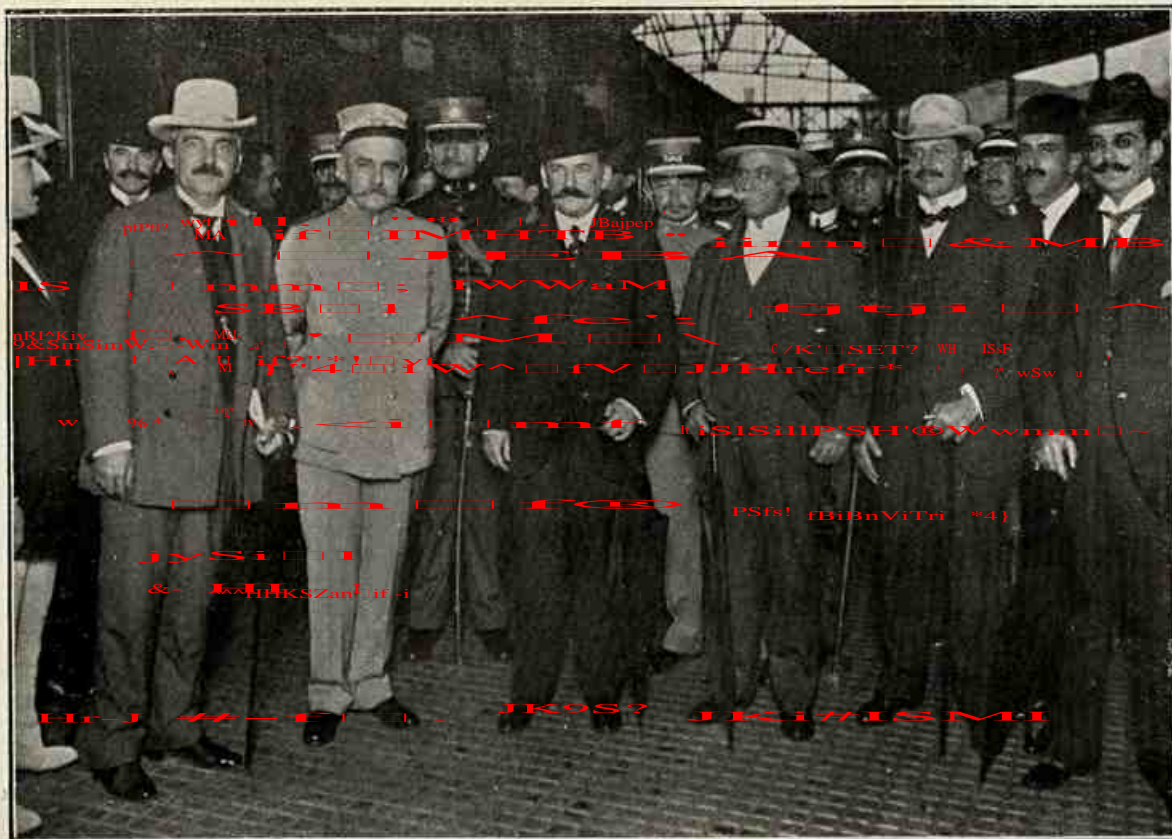
As formigas só dormem tres horas, parecendo o somno mais longo nos «soldados gigantes» que nas pequenas operarias. Emquanto, porém, entre as abelhas o somno é geral e dorme o cortiço inteiro, entre as formigas o somno é por pelotões e revesado, adormecendo cada uma em cada grupo por sua vez.

*

O primeiro jornal americano. — Intitulava-se *May Flower* («Flor de Maio.») Foi a primeira gazeta que sahiu a lume nos Estados Unidos da America do Norte, em 1673, isto é, ha 242 annos. Publicou-se em Cambridge (Massachussets.)

O anniversario do sitio

Fez no dia 4 do corrente um anno que a «claque» que cercava o marechal Hermes, presidente da Republica, fel-o assignar de cruz o odioso decreto suspendendo as garantias constitucionaes no Districto Federal, Nictheroy, Petropolis e Ceará afim de agir mais desembaraçadamente nas torpes negociatas, em que foi fertil o quatriennio findo.

Este foi o motivo primordial do arrolhamento da imprensa e das continuas prorogações do sitio, por oito longos mezes.

O regresso do Presidente da Republica

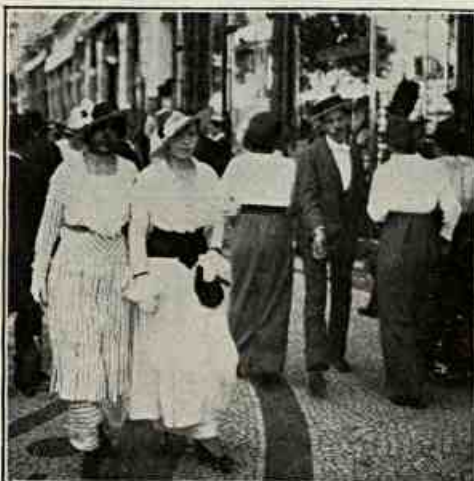
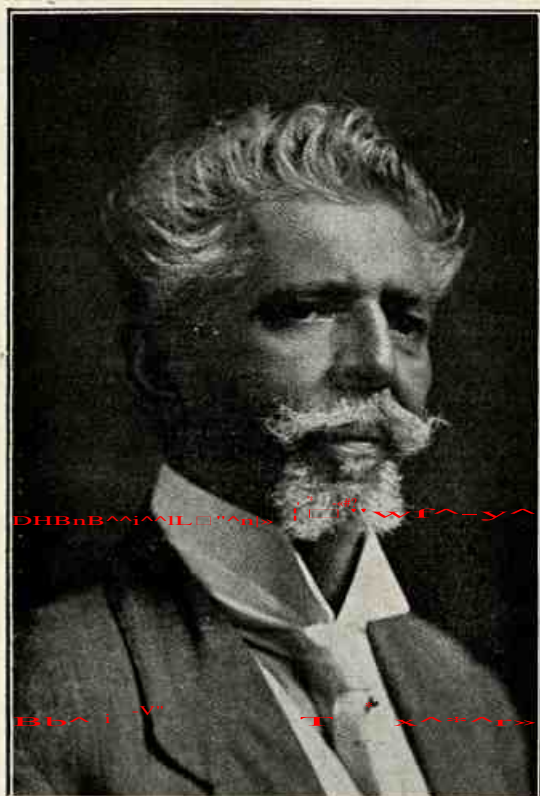
Fazer que as acções sejam conhecidas e vistas é pura obra da fortuna. E' a sorte que nos applica a gloria segundo a sua temeridade.

MONTAIGNE

Comecemos por admirar o que Deus nos mostra, e não teremos mais tempo de procurar o que elle nos occulta.

ALEXANDRE DUMAS, FILHO

INSTANTANEOS

AOS SABBADOS NA AVENIDA RIO BRANCO

Dr. Sampaio Ferraz

Em 1890, o «terror dos capoeiras».
Em 1915, ameaçado pela «capoeiragem politica» do Rapadura

— E o que faz o barbeiro ?
— Faz a barba e corta os cabellos.
— Ora diga-me mais uma cousa. E a um individuo completamente calvo, careca como um ovo, pode-se cortar o cabello ?
— Não senhor.
— Então porque foi que o senhor me perguntou se eu fazia a barba ?

Tal literato é um ourives, tal outro um pintor, tal outro um musico, tal outro um marceneiro ou perfumista. Ha escriptores que são sacerdotes, ha-os que são donzellas. Conheço alguns que são principes ; mas conheço muitos mais que são mercieiros.

JULES LEMAITRE

Os nossos galanteadores

Passava pela Avenida uma dama espaventosamente vestida. De um dos passeios um desses troca-pernas que d'ali não sáem todo o santo dia, quando ella passava murmurou-lhe ao ouvido :
— Meu Deus ! Quanto é bella.
A senhora voltou-se e encarou o atrevido ; depois com um movimento de hombros sacudidos respondeu :
— Sinto muito não poder dizer-lhe o mesmo.
— Pois minha senhora, é muito facil, disse o galanteador ; minta como eu faço.

Os nossos barbeiros

Entra no Aragão um individuo calvo como uma bola de bilhar e senta-se a uma das poltronas.
Immediatamente um dos rapazes todo mesureiro dirige-se a elle :
— Faz a barba ?
O freguez com a cara mais aborrecida deste mundo olha o barbeiro de cima a baixo. E depois, muito descansadamente :
— Não. Vim tomar medida para um terno de sobre-casaca.
— Mas isto aqui não é alfaiate.
— Não. Então o que é ?
— E' um barbeiro.

INSTANTANEO

RECLAMAÇÃO JUSTA

O facto deu-se em Barbacena, em 1849. Achava-se no oratorio da cadeia local um escravo condemnado á morte por ter assassinado o senhor.

O carrasco Fortunato, o celebre executor das sentenças capitaes em toda a provincia de Minas, vendo o paciente muito triste e abatido (pudera não !), disse para animal-o :

— Não se abata, homem ! O diabo nunca é tão feio como se pinta. E além disto você nestes tres dias tem suas regalias : pode exigir doce...

— O que ? replicou de um salto o negro. Elles vão me dar doce, doce de leite ?

— De leite, goyabada, ou marmellada, emfim o que você quizer.

O escravo pareceu um pouco mais animado, começando mesmo a assoviar uma aria.

Dous dias depois, organizou-se o lugubre prestito para leval-o á forca : o juiz municipal, todo solemne, de casaca e chapéo alto, o meirinho, a escolta de soldados, o vigario de Barbacena, o condemnado e o carrasco ; atraz, uma grande multidão de curiosos.

Mas o paciente caminhava distrahido, parecendo alheio ás exhortações do padre, olhando ora para um, ora para outro lado, como se esperasse alguma cousa.

Quando o prestito chegou junto da forca e o carrasco convidou o condemnado a subir a escada fatal, o negro, não se contendo mais, perguntou ao juiz municipal :

— *Uê !* nhônhô ! E o doce ?

O juiz, complacente, mandou a todo a pressa comprar um caixa de marmelada, de onde o carrasco tirou uma larga fatia e deu ao negro que nella cravou os dentes com visivel satisfação.

Momentos depois, a um empurrão do Fortunato, o corpo do infeliz oscillava na forca.

C.

Um grande politico ha de ser um SCELERADO ABSTRACTO ou conduzirá mal a sociedade. Um politico honesto é tão absurdo como uma machina dotada de sentimento ou um piloto que, ao leme, se lembrasse de amar a mulher dos seus sonhos : o navio sossobraria.

BALZAC

UM PARA O OUTRO

— Eu, embora rica, tenho a mania de me casar com um milionario.

— Até nisso os nossos genios se combinam. Eu tambem tenho essa mania.

A unica consolação...

Um pastor protestante interrogava as ovelhas de sua parochia sobre o catholicismo. Ora, a primeira pergunta do catholicismo de Heidelberg é a seguinte: «Qual é tua unica consolação na vida e na morte?»

Uma joven, a quem o pastor dirigiu esta pergunta, se poz a rir e não quiz responder. O pastor insistiu.

— Pois bem! já sei que é preciso, eu vou dizer, respondeu ella. A minha unica consolação é... o alferes do regimento de cavallaria.

ASPECTOS DO RIO

Os nossos negociantes

Um sugeito mandou um empregado seu ao dono do armazem em que se sortia com um bilhete em que dizia: «Vale este um kilo de manteiga mineira sem sal.»

O creado pouco depois voltou:

— Onde está a manteiga?

— O homem não me deu manteiga nenhuma. Só me deu este bilhete.

O sugeito pegou no bilhete e reconheceu o seu vale, mas no mesmo havia uma linha a mais: «Não vale nada, porque não veiu o cobre.»

Conhecido de mais!

Tendo o bispo de Quebec se extraviado nas florestas do Canadá, os que estavam á sua procura encontraram uma horda de selvagens, aos quaes perguntaram si conheciam o prelado.

— Si o conheço! respondeu um selvagem, pois eu comi um pedaço d'elle!

Uma vez nascida a amizade, é preciso ter confiança; antes d'ella nascer, é bom estar de sobre-aviso.

TEAGROSTO

Palacio Monröe

Bôa resposta!

Swift, no momento de montar a cavallo, pediu suas botas; seu creado lh'as trouxe.

— Porque não a lustraste? disse-lhe o deão de S. Patricio.

— Como o senhor vai sujal-as de novo no caminho, eu pensei que não valia a pena limpal-as.

Um instante depois, pedindo o mesmo creado a Swift a chave do guarda-comida:

— Para que? lhe perguntou o patrão.

— Para almoçar.

— Oh! respondeu o escriptor, como você terá fome de novo d'aqui a algumas horas, não vale a pena comer agora.

?

Em uma taverna de Londres propuzeram a Pope explicar uma passagem de Homero um tanto obscura. Um official pretendia ter descoberto o verdadeiro sentido do texto, observando que, para tornal-o claro, só bastava collocar um ponto de interrogação. O escriptor inglez, despeitado com a licção de grego que pretendia lhe dar o militar, disse-lhe num tom desdenhoso:

— E o senhor sabe o que é um ponto de interrogação?

— Perfeitamente, respondeu o official. E' uma figurinha torta que faz uma pergunta.

Pope, que era corcunda e rachitico, não teve difficuldade em comprehender a allusão.

Uma do X.

O X. passeiava em Petropolis quando encontrou uma senhora de suas relações que, acompanhada da ama, passeiava com um lindo bebé de mezes.

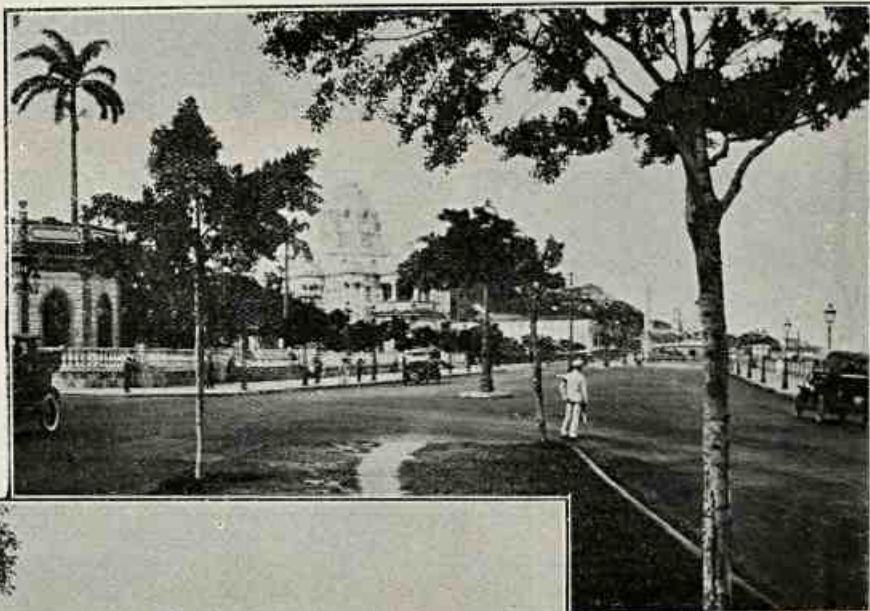
— Que linda creança! diz o X. todo baboso. E' sua?

— E'.

— Que idade tem?

— Vae fazer 5 mezes.

— E' a ultima?

ASPECTOS DO RIO

Palacio Monrõe

Os nossos barbeiros

— Ora faça-me o favor de dizer uma cousa, seu Aragão. Porque é que quando eu corto o cabello na sua casa você se entretem a contar-me casos horrorosos, crimes hediondos, emfim cousas de fazer arrepiar o cabello? perguntava um freguez ao *leader* dos barbeiros.

— Pois é por isso mesmo, sr. doutor. Os cabellos arripiados cortam-se com mais facilidade.

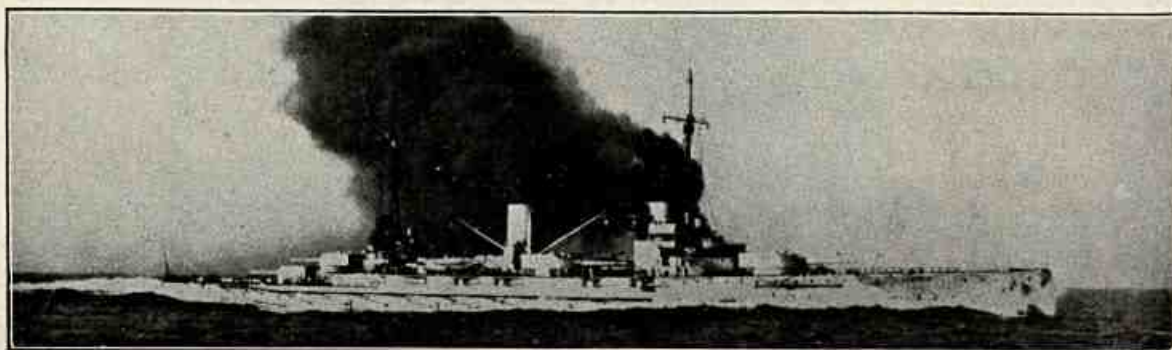
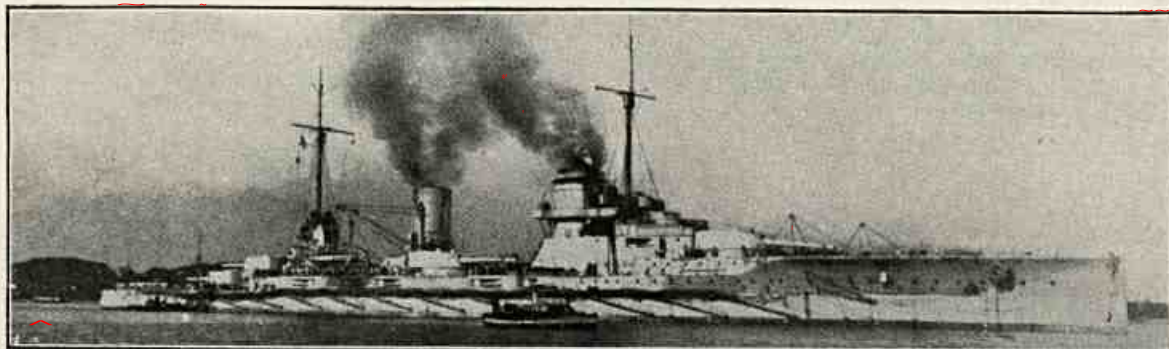
A palavra de um homem honrado vale mais que um documento

Montesquieu, antes de sahir de Roma, foi despedir-se do papa Bento XIV que lhe disse:

— «Meu caro presidente, antes de nos separarmos, quero que leveis uma lembrança de minha amizade. Concedo-vos permissão de comer carne toda a vossa vida, e estendo este favor a toda a vossa familia.»

Montesquieu agradeceu ao papa e despediu-se d'elle. Mas da Secretaria do Vaticano logo lhe expediram a bulla de dispensa e lhe apresentaram uma nota um pouco forte dos direitos a pagar por esse piedoso privilegio. Montesquieu, aterrado com esse imposto sagrado, restituiu ao secretario a bulla, dizendo-lhe:

— «Agradeço a S. Santidade sua benevolencia. Mas o papa é um homem tão honesto! São desnecessarios esses documentos. Eu me fio em sua palavra e Deus tambem.»

A GUERRA

Os cruzadores allemães "Seydlitz" e "Moltke" que foram avariados por occasião do "raid" ás aguas britanicas

AS ASNEIRAS DO FAUSTINO

O Faustino era um mulato gordo, baixo, um pouco calvo, de cincoenta e tantos annos, creado do dr. Marianno Moreira, clinico residente na praia do Ipanema. Sério, honesto a toda prova, o Faustino era, porém, meio simplorio, um tanto amalucado e fertil em distracções verdadeiramente phantasticas. O seu amo nutria por elle uma paternal affeição, por ter sido escravo da casa, muito leal e dedicado á familia.

Uma occasião o dr. Marianno chamou o seu «factotum» e lhe disse:

— Aqui está uma nota de vinte mil réis. Vae ao Largo do Leões, á casa numero... e entrega este dinheiro ao sr. Honorio Libano, dizendo-lhe que é para pagar os bilhetes do concerto. Vae e não te demores.

— Não ha duvida, *siô* doutor.

Cerca de tres horas depois, voltava o creado:

— *Hi !, siô* doutor, que bicho feio é o leão! Dá cada urro! Ha lá tambem duas onças, um *aliphante*, um macaco...

— Que estás dizendo, imbecil, onde foste? perguntou o medico attonito.

— Pois o senhor não me mandou comprar bilhete para ver o leão? Aqui estão as entradas.

O Faustino fôra ao «Circo Equestre» do Ipanema e comprara dez cadeiras para a funcção nocturna.

De outra feita, o dr. Marianno lhe deu uma cedula de dez mil réis para elle comprar uma lata de phosphatina.

— Phosphatina Fallières, não te esqueças. E' uma palavra facil de guardar pois é o nome do presidente da França.

O creado sahiu: eram cerca de onze horas do dia, e só pelas cinco da tarde foi que regressou á casa.

— Irra! gritou o medico furioso. Onde estiveste o dia todo? Em qualquer armazem da visinhança encontrarias a phosphatina.

— Qual, *siô* doutor, tive um trabalhão para encontrar. Foi preciso ir á cidade. Aqui está: custou dez mil réis.

— O que? *Dez mil réis* uma lata de phosphatina? Roubaram-te, idiota!

— E o homem me disse que é esse preço, por ser já servido...

E o impagavel Faustino entregou ao patrão... um «cliché» do presidente da França, Armand Fallières, comprado em uma casa de artigos photographicos.

OCTAVIO MOURET

As nossas linguinhas

Dous moços bonitos, desses bacharois formados em roupas feitas e sapatos de oleado, discutiam fortemente em uma sala diante de formosa senhorita que os escutava impaciente e aborrecida.

— Você está muito enganado. Eu estudei os classicos, conheço os melhores grammaticos, compulsei os melhores livros e não iria errar em phrase tão simples.

— Pois errou, meu caro. Quem está com a razão sou eu.

— Pois tomemos como juiz a distincta senhorita aqui presente.

— De accôrdo.

— Então vamos lá. Senhorita, discutimos o modo de fazer um pedido. Eu affirmo que se deve dizer: «Dê-me de beber.» Aqui o meu amigo affirma que érro, a phrase deve ser: «Dê-me que beber.» Qual é a sua opinião?

— Eu, no caso de qualquer dos dous diria: «Leve-me a beber.»

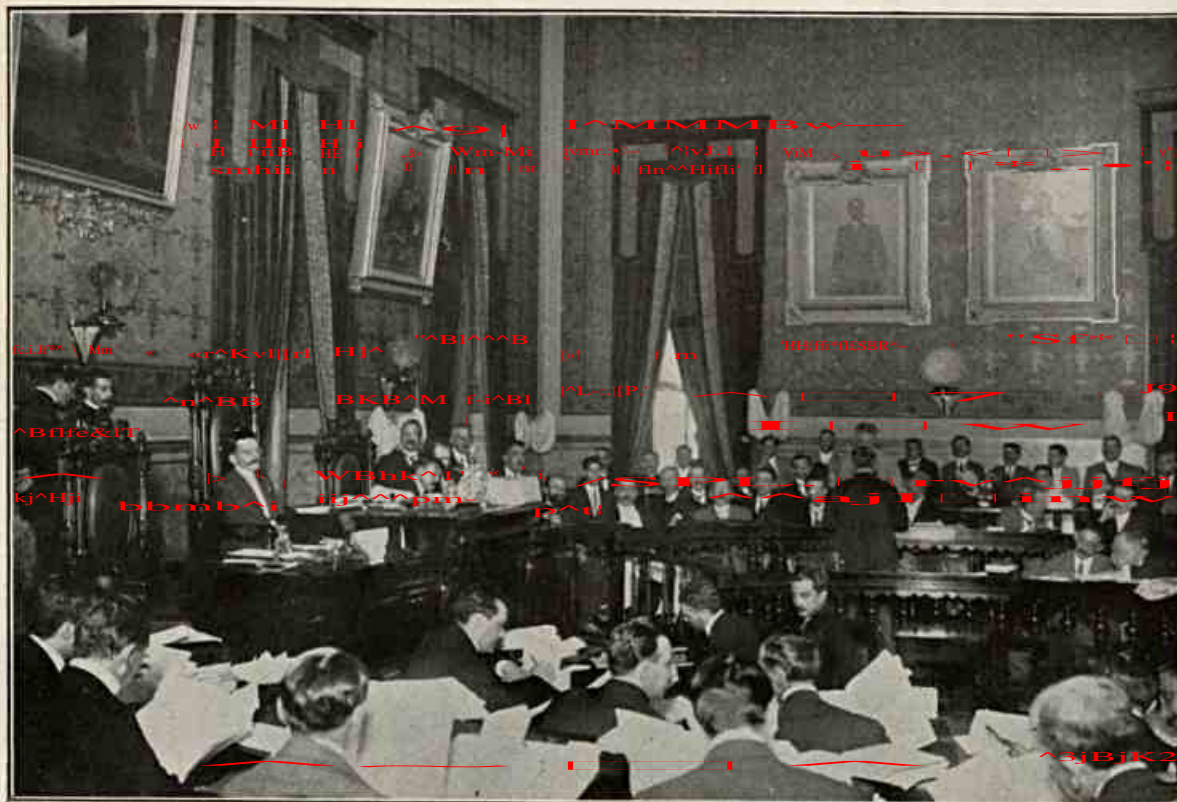
Exercitos

A Republica de San Marino, uma das mais antigas da Europa, que conservou a sua independencia depois de realisada a unidade italiana, tem um territorio de 61 kilometros quadrados de superficie, guarnecido por um exercito composto na sua totalidade de 950 soldados e 38 officiaes.

Não riam os nossos leitores imaginando que se trata do mais reduzido exercito do mundo. O exercito da Republica de San Marino esmagaria em minutos o da Republica de Andorra que se compõe ao todo de dez gendarmes.

Nas grades do Passeio Publico

O CIVIL — O' chefe!... Que fazes ahi?
O EBRIO — Não estás vendo?... Eu estou tocando harpa.

AS ELEIÇÕES

Reunião da junta apuradora no Conselho Municipal

A REFORMA DA INSTRUCÇÃO

Não podemos apoiar a iniciativa do governo em reformar o sabio regulamento de instrucção publica a que o sr. Rivadavia deu o nome pomposo de «lei organica.»

Essa lei tem muitas vantagens. E' a primeira lei feita no Brazil por um ministro, e só essa consideração basta para lhe dar um valor historico e de curiosidade incontestavel.

Antigamente, nos tempos do absolutismo, as leis eram feitas pelo monarcha, e chamavam-se «cartas de lei», «cartas régias», alvarás etc. As nossas leis, isto é, as leis de Portugal que nos regiam começavam por um proemio imponente :

«Eu, dom João, por graça de Deus Rei de Portugal e dos Algarves daquem e dalem mar, em Africa Senhor de Guiné, e da Conquista, Navegação, Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e da India e Brazil, hei por bem que...» E ahi vinha o contexto da lei.

Com o tempo a cousa se foi modificando. O Brazil se declarou independente, e as leis passaram a ser feitas pela assembléa geral, com sancção do Imperador. Veiu a Republica e manteve esse systema ; determinou que as leis seriam feitas pelo Congresso, com sancção do presidente da Republica.

Enfin Malherbe vint

isto é, emfim veiu o Sr. Rivadavia e revogou a tradição, a legislação, a constituição, tudo o mais terminado em ão, e decretou *ex proprio marte*, a «lei organica do ensino.»

As vantagens dessa lei são tão evidentes, que começou logo contra ella a grita dos interessados. A penosa obrigação de estudar foi abolida. E a classe dos «estudantes» passou a ser uma classe inteiramente feliz.

Reinavam privilegios odiosos, como o dos diplomas profissionaes. A lei organica acabou com tudo isso. Para tratar de doentes e abrir consultorio não é mais necessario ser medico. Basta ser sapateiro ou coisa nenhuma. Todas as profissões são livres a quem quizer exercel-as, independente de qualquer prova. Quem quizer saltar no assento de um automovel e guial-o por sobre o lombo do publico, não pode ser impedido de fazel-o, em virtude da lei organica.

Mas acontece que a maior parte dos Estados da federação, Minas, S. Paulo, e muitos outros não ligaram á «lei organica». Bem que o Torterolli, dono da Universidade onde se formou em medicina em cinco minutos o porteiro da «Noite», protestou com vehemencia. Mas foi em vão. O direito de matar sem fiscalisação da autoridade publica, só ficou vigorando no Rio de Janeiro. Em toda a parte ha, e é preciso que haja um certo numero de homens incumbidos de liquidar os seus semelhantes. Em toda a parte esse privilegio é concedido a um numero limitado de individuos, que passam annos em escolas especiaes apprendendo a lidar com os venenos e com as lancetas, e que recebem o nome de medicos. A «lei organica» tirou aos medicos esse privilegio e permitte a quem quizer exercer a medicina. Essa medida de despovoamento teria pelo menos o inconveniente de diminuir sem conta a população nacional. Felizmente ficou limitada á Capital Federal, que se tornou o paraizo dos charlatães e curandeiros.

O governo actual vai reformar tudo isso. O projecto já está em estudos. E assim vão-se pouco a pouco desfazendo as insensatezes do governo passado.

Uma colossal, immensa obrigação

A proposito do capitão Philadelpho, que acaba de partir para o Contestado, conta-se o seguinte caso:

O ex-ajudante de ordens do tenente Sodré, não prima, como se sabe, pela estatura, que chega a ser quasi liliputiana.

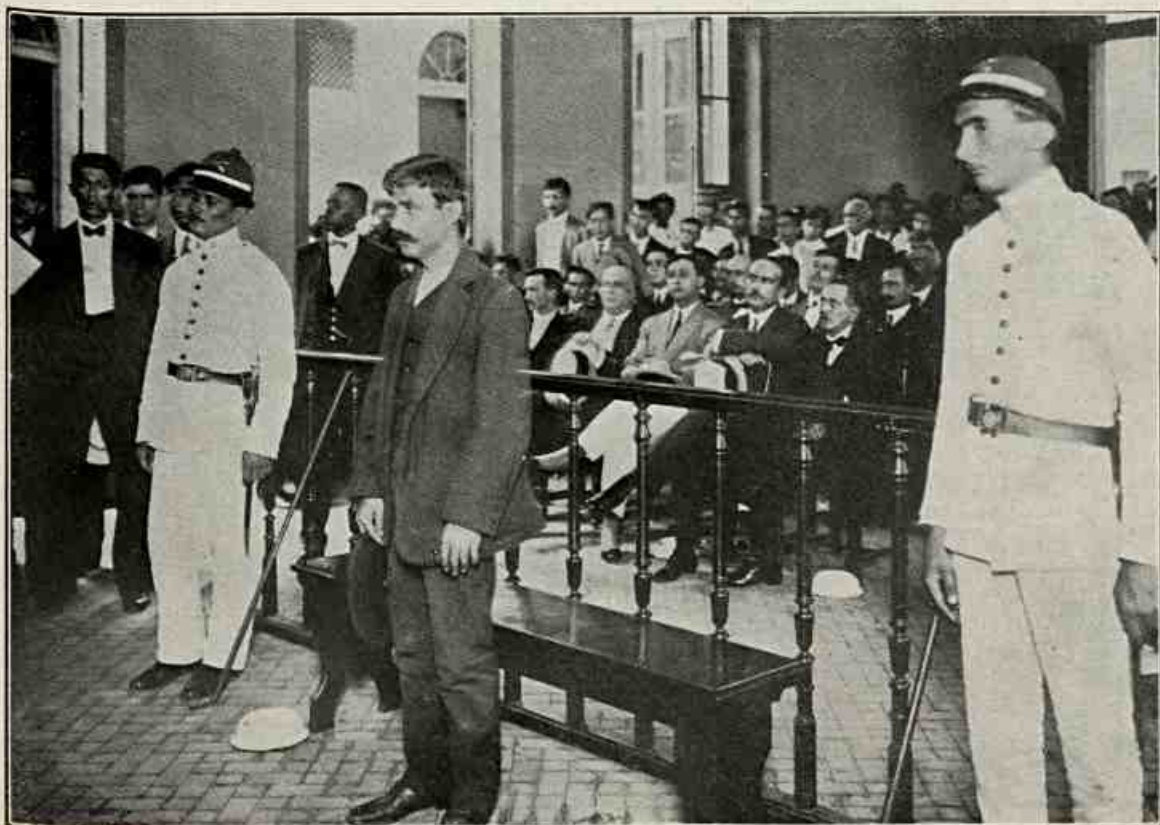
Ha cerca de cinco annos, no começo do governo Hermes, o capitão Philadelpho, que se dizia muito amigo do marechal, acompanhou ao Cattete um major do Exercito, que desejava obter uma commissão rendosa.

Apresentando ao presidente da Republica o pretendente (que era de estatura muito baixa) disse o capitão:

— Marechal, está aqui um homem, a quem devo uma colossal, uma immensa obrigação.

O major ia modestamente protestar, quando o apresentante concluiu:

— Sim, devo-lhe um immenso favor: si não fosse elle, eu seria o homem mais pequeno e mais feio do Exercito.

O assassinato de Adolpho Freire

Novo julgamento de Augusto Henriques

A TOMADA DE UMA TRINCHEIRA ALLEMÃ

Dois officiaes Zouaves e o corpo de um soldado allemão

O problema do casamento

« Casar é bom, mas... não casar é melhor. »

S. PAULO

Numa cidade do sul de Minas, ha annos, após um casamento, luxuosamente celebrado, um grupo de litteratos, no jantar de bodas, resolveu pôr a premio a melhor poesia sobre o «fundamento da sagrada instituição da familia.»

No julgamento do concurso, foram premiados os seguintes versos, feitos, de collaboração, por dois apreciados poetas :

Dizem que a Rita Cereja,
De proceder duvidoso,
Levára a uma certa egreja,
Para dar-lhe a mão de esposo,
Um infeliz (salvo seja !)
Vejam só que desalinho :
A noiva cheirava a sandalo,
O noivo fedia a vinho.
O padre, vendo este escandalo,
Chamou de parte o padrinho :

— «O casorio projectado,
Não se póde hoje fazer,
Pois, como pode vêr,
O noivo está num estado,
Que nem se pode lamber.»

— «Sôr padre, não seja máo,
Case, que assim é preciso,
Pois esse *sôr* Nicoláo
Quando está no seu juizo,
Não quer casar nem a páo !»

C.

———oo———

Uma maneira de acabar com os processos seria não pagar senão aos advogados que ganhassem a sua causa. Mas eu não pude fazer passar esta idéa no Conselho de Estado.

NAPOLEÃO I

———□———

Distracções

O senador F., fallecido ha cerca de dez annos, era extremamente distrahido.

Certa occasião, ao sahir da igreja onde fôra assistir ao casamento de uma sobrinha, perguntou a um amigo :

— Você tambem vae ao cemiterio ?

Outra occasião, conta-se, estava elle tão abstrahido em um jantar politico que... comeu o guarda-napo, e só deu pelo engano quando foi limpar a bocca no «beef».

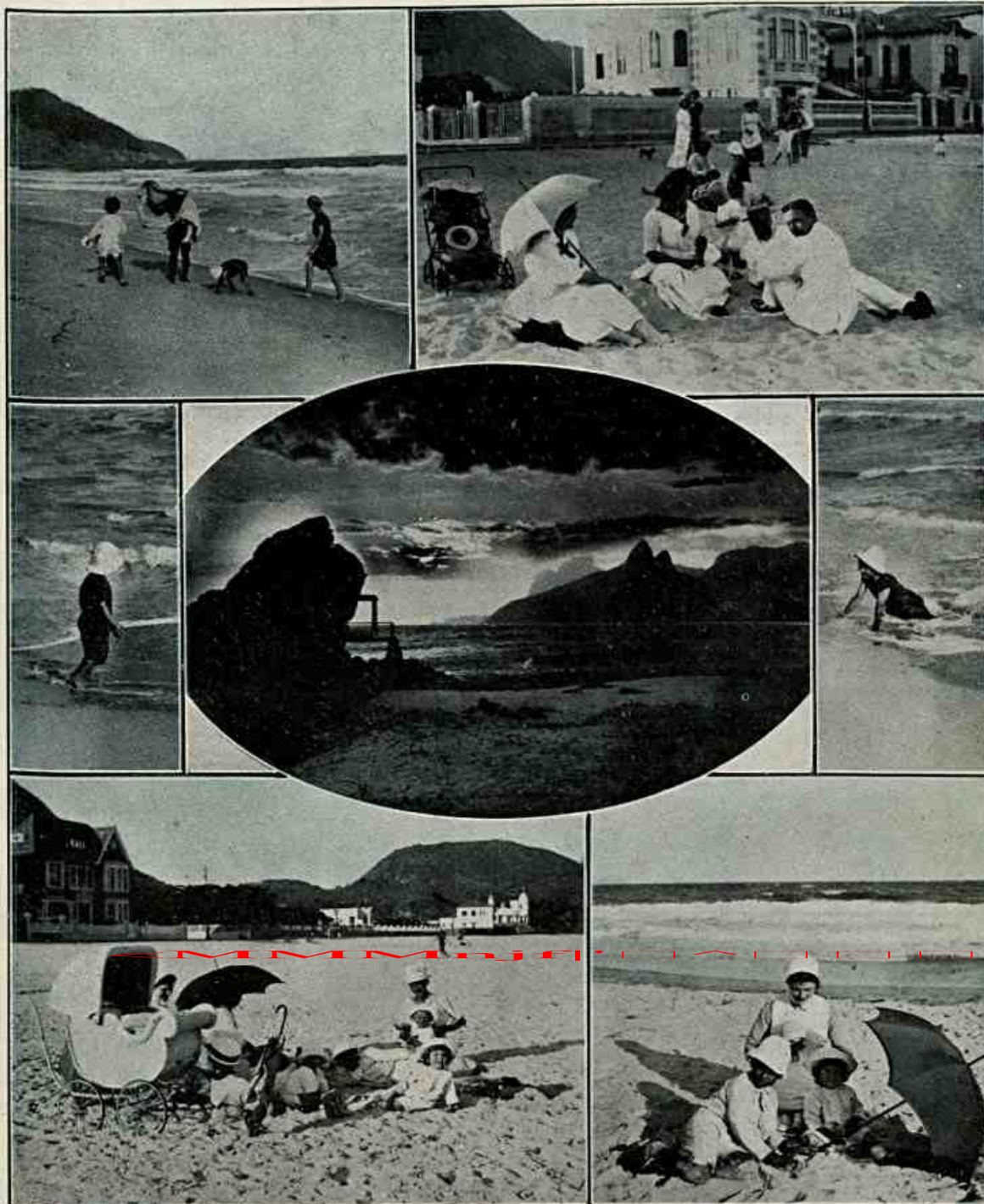
O ATAQUE DOS ALLEMAES ÁS COSTAS INGLEZES

Casas demolidas em King's Lynn

O GENIO

Sarah Bernhardt escreveu na sua auto-biographia que o desabrochar do seu genio dramatico foi assignalado com espasmos e grandes furias. Fica pois toda a gente prevenida: quando uma rapariga dá para atirar-se ao chão, rasgar as vestes, a gritar e a espumar, o remedio é matriculal-a immediatamente na Escola Dramatica, na certeza de que todos aquelles accidentes são o signal do genio.

AS NOSSAS PRAIAS

Copacabana

FIGURAS E COUSAS DE OUTRAS TERRAS

Um quasi regicida vivendo tranquillamente no Brasil. — Numa noite de janeiro de 1858, Napoleão III, a imperatriz Eugenia, e numerosos dignatarios da côrte iam, em diversas carruagens, em direcção ao theatro da Opera, onde havia um brilhante espectaculo de gala. Em dado momento ouviram-se duas detonações surdas, apagando-se os combustores da illuminação publica, estabelecendo-se indiscriptivel confusão, no meio de uma grande gritaria. Junto ao carro imperial haviam explodido duas machinas infernaes, sahindo illesos os soberanos, mas ferindo mais ou menos gravemente a cerca de 150 pessoas, das quaes falleceram 15.

A policia não tardou em prender alguns responsaveis pelo sensacional attentado : os italianos Felice Orsini, Pieri e o marquez de Rudio, conseguindo fugir os outros. Orsini declarou-se o chefe da conspiração, exigindo, nobremente, para si a maior somma de responsabilidade no caso. Confessou todo o seu plano : com bombas de fulminato de mercurio tentára matar o imperador, porque então se estabeleceria na França a Republica, a qual ajudaria, em vez de perseguir, os democratas italianos.

Apezar de ter certeza do fim que o esperava, Orsini acceitou os serviços profissionaes de Jules Favre, a quem pediu, entretanto, que limitasse sua defesa á exposição da pungente e miseravel situação da Italia.

Como se esperava, os tres foram condemnados á morte. O marquez de Rudio, porém, viu sua pena commutada pela de prisão perpetua. Degredado para a Guyana Franceza, conseguiu fugir para o Brasil, de onde passou aos Estados Unidos, vindo alli a fallecer ha uns sete annos.

Depois de condemnado á morte, Orsini manteve-se absolutamente calmo : fez o seu testamento e dirigiu a Napoleão III uma carta altiva e serena, pedindo-lhe não ajudar a Austria a esmagar a Italia. O soberano francez, tendo recebido uma carta de Jules Favre pedindo a commutação da pena do seu constituinte, reuniu o ministerio que se oppoz a qualquer medida de graça.

Orsini e Pieri marcharam para o cadafalso, descalços e cobertos com um véo negro, pois, pela legislação franceza o seu attentado era equiparado ao parricidio, crime assim punido. Orsini, vendo o companheiro um pouco pallido, disse-lhe : «Coragem !» Pieri, reanimando-se, começou a cantar uma canção patriotica. Junto da guilhotina, ao deitar na «basculo» fatal, Orsini gritou : «Viva a Italia ! Viva a França !» e Pieri : «Viva a Italia ! Viva a Republica !»

. . . .

Em principio de 1859, chegou á Diamantina, Minas Geraes, um rapaz italiano, sympathico e insinuante, de nome Marianno Exposito. Dedicando-se ao commercio e á compra de diamantes, em pouco tempo adquiriu regular fortuna. Durante onze annos, conservou-se elle de uma discrição absoluta, nada revelando do seu passado. Em 1871, porém, após a guerra franco-prussiana, depois da deposição da dynnastia napoleonica e do restabelecimento da Republica, na França, Marianno Exposito, julgando-se a salvo de qualquer perseguição, revelou o segredo terrivel que conservára por tanto tempo : com Orsini e Pieri fôra um dos co-auctores do attentado contra Napoleão III ; fizera parte do «Club Mazzinista», tendo no braço direito uma tatuagem de dois punhaes cruzados, com a inscripção «Morte aos reis !» Mostrou mesmo aos amigos varias cartas de Mazzini, Orsini e de outros revolucionarios italianos.

Quem escreve estas linhas viu, em 1897, Marianno Exposito em Marianna, para onde se transferira, de Diamantina. Apezar de já avançado em annos e alquebrado, não perdia occasião de referir os pormenores do terrivel attentado. Naturalmente já falleceu o velho revolucionario italiano.

*

Celebre mystificação do dr. Hill. — No seculo XVIII, o medico inglez Hill, despeitado contra a Sociedade Real de Londres, que o tinha recusado para um de seus membros, imaginou, para se vingar, uma pilheria original : dirigiu ao secretario d'aquella Academia, sob o nome supposto de um medico de provincia, a narração de uma cura recente de que elle se dizia auctor.

«Um marinheiro, escreveu elle, tinha quebrado a perna. Encontrando-me, por acaso, no lugar, approximei as duas partes da perna quebrada, e, depois de tel-as fortemente amarrado com uma corda, irriguei a parte com agua de alcatrão. O marinheiro, em pouco tempo, sentiu a efficacia do remedio, e não tardou a servir-se da perna como d'antes.»

Ora, esta cura foi annunciada no tempo em que o famoso Berkeley, bispo de Cloyne, acabava de publicar seu livro sobre as virtudes da agua de alcatrão, obra que despertou grande interesse, e que provocava a discussão entre os medicos. O relatorio do dr. Hill foi lido e escutado muito seriamente na assembléa publica da Sociedade Real, e alli discutiu-se, com a melhor boa fé do mundo, sobre a cura maravilhosa, onde uns viam um testemunho eloquente sobre a agua de alcatrão, sustentando outros que a perna não estava realmente quebrada, ou que a cura não poderia ter sido tão rapida.

Iam-se imprimir folhetos pró e contra, quando a Sociedade recebeu uma segunda carta do medico de provincia que escrevia ao secretario :

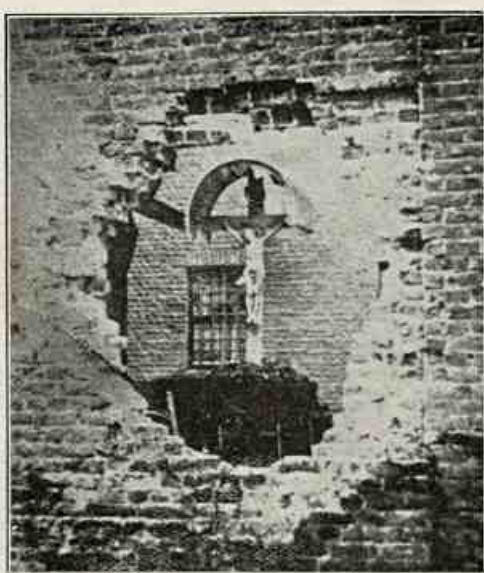
«Na minha ultima carta esqueci-me de vos dizer que a perna quebrada do marinheiro era uma perna de páo.»

A mystificação não tardou em se espalhar e divertiu muito os ociosos de Londres á custa da Sociedade Real.

*

Malherbe e o seu creado. — Malherbe tinha uma espirituosa mania de corrigir o seu creado. Dava-lhe dez soldos por dia (era um regular ordenado nessa epocha) e vinte escudos de salario ; e quando este creado o irritava, elle o reprehendia mais ou menos nos seguintes termos :

— «Meu amigo, quando se offende ao amo, offende-se a Deus ; e quando se offende a Deus, é preciso, para obter o seu perdão, jejuar e dar esmola. Por isso, guardarei cinco soldos do vosso ordenado, que darei aos pobres por vossa intenção, pela expiação de vossos peccados.»

A IGREJA E A GUERRA

DUFFEL

NIEUPORT

DIXMUDE

DUFFEL

PERVYSE

TERMONDE

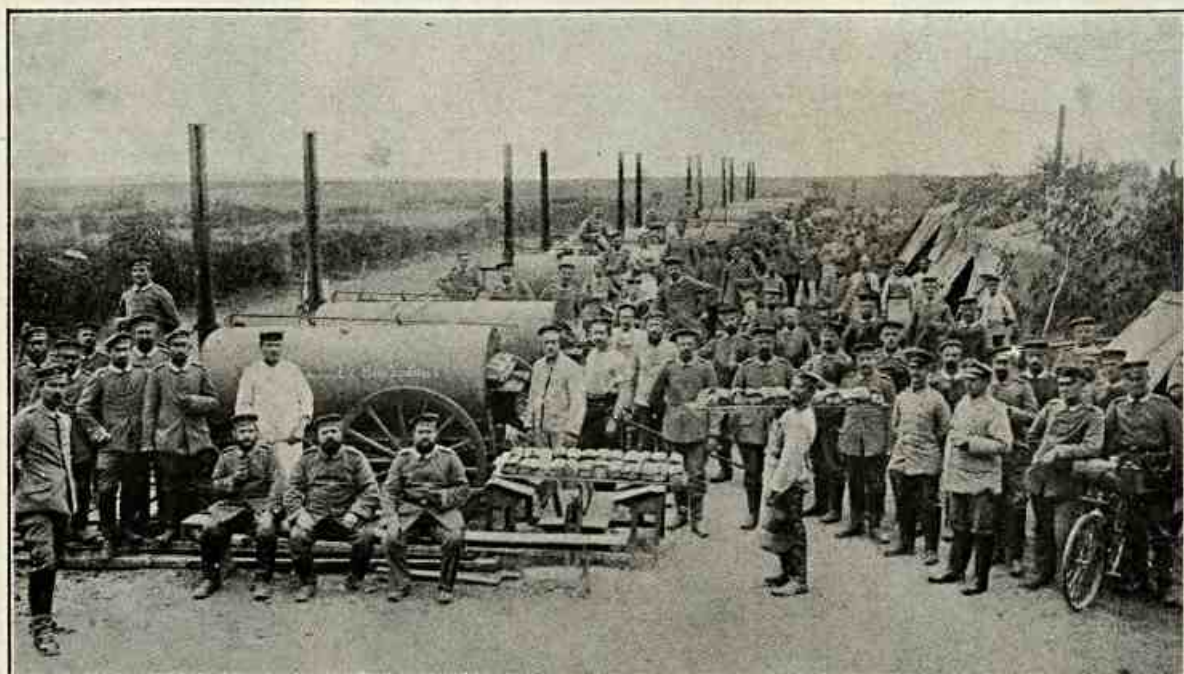
PERVYSE

RAMSCAPELLE

WAERLOSS

O CRUCIFIXO

MALINES

A GUERRA

A padaria ambulante do Exercito allemão.

As apostas do padre Vitalino

Foi por essa occassião que appareceu no Tejuco, ido do Rio de Janeiro, um velho medico, que attrahiu logo a attenção publica pela sua originalidade. Era um homem de seus setenta annos, uma especie de Diogenes, maltrapilho e esfarrapado, mais por philosophia do que mesmo por falta de recursos. Com effeito, tudo nelle parecia denotar um absoluto desapego das vaidades mundanas: o chapéo esfuracado, o «cache-nez» pardo que trazia sempre envolto no pescoço, o fraque prehistorico, manchado como uma carta geographica, as calças curtissimas «de turco», as botinas absolutamente virgens de graxa. Apezar de sua idade avançada, o original Esculapio assignava-se e fazia questão que o tratassem «dr. Quirino Junior», porque ha cerca de cincoenta annos o seu progenitor, dr. Quirino, publicara um poema, que teve certa voga, «Vôos de mariposa.»

Outras exquisitices destacavam ainda naquelle meio proviciano a figura pallida e esguia do illustre medico.

Nunca tomava banho: de mez em mez despia-se no quarto e esfregava no corpo uma meia duzia de limões. Consistia a sua alimentação unicamente em carne e fructas que filava aos clientes e amigos. Só bebia agua corrente. Apreciador apaixonado de todos os doces, trazia sempre nas algibeiras das calças pedaços de rapadura embrulhados em papel!

Apezar de toda essa originalidade (ou talvez por isso mesmo) o dr. Quirino Junior viu sua clinica ir augmentando continuamente. «E' um exquisitão, diziam seus clientes, mas um sabio.»

Era, com effeito, de uma erudição assombrosa. Mezes depois de chegar ao Tejuco o sabio medico publicou uma obra notavel «Parallelismo osteologico dos accidentes syndesmoticos» tendo como subtitulo «Paginas amenas», trabalho que assombrou o mundo scientifico brasileiro.

Tendo sido eleito vereador da Camara Municipal pelo districto de Brumadinho, o dr. Quirino Junior apresentou logo na primeira sessão o seguinte projecto de lei:

«Art. 1.º — Cada cachorro que andar sem focinheira será preso e pagará dois mil réis para ser solto.

Art. 2.º — Por cada porcada que entrar no municipio pagará cinco mil réis por cada porco da porcada.»

Quando o operoso vereador lia esse importante projecto, o secretario da Camara segredou perfidamente ao ouvido do Agente do Executivo:

— Elle devia ser o primeiro a pagar o imposto.

O que tirava um pouco a respeitabilidade do dr. Quirino Junior era a original mania de viver sempre apaixonado por meninas, de 12 a 15 annos, e a convicção sincera que nutria de ser sempre correspondido. Na occasião em que se passava esta historia, a sua paixão pela pequena Stella (uma formosa moreninha, de 13 annos, residente no Brumadinho) attingira a tal paroxysmo, que o illustre medico mudara-se para aquelle povoado e, contra seus habitos harpagonicos, mandára á menina uma bandeija de esplendidas laranjas, que lhe custaram dois mil réis.

Commentando-se este caso extraordinario na botica do major Alexandre, o agente do Correio disse:

— O dr. Quirino gastou 2$000 com a pequena. Mas duvido que haja paixão que lhe faça tomar um banho e mudar a roupa.

— Eu sou capaz desse milagre, acudiu o padre Vitalino.

— Impossivel! disseram os outros.

— Aposto 20$000 com cada um dos senhores, retrucou o vigario, como no outro domingo, d'aqui a quinze dias, ouvirá a missa correctamente vestido com um terno novo.

A coisa parecia tão fóra da possibilidade humana que as cinco pessoas que se achavam na pharmacia fecharam logo a aposta, sem vacillar.

— Vae perder seus 100$000 sr. vigario, disse o boticario.

— Veremos, respondeu o padre, retirando-se.

No dia aprazado, na hora da missa, as pessoas que se achavam no adro da egreja ficaram assombradas, ao vêr entrar o velho. Era um perfeito Fausto remoçado: chapéo novo, barba feita, collarinho brilhante, elegante fraque azul-marinho, botinas cáras — todo elle envolto num suave perfume de Houbigant.

Foi um assombro! O major Alexandre despeitado por ter perdido a aposta, pensava comsigo que, com certeza, o padre Vitalino tinha «pacto com o capeta».

O povo tinha entrado e começara a missa. Na hora da benção, porém, ouviu-se um grito agudo, seguido de um grande reboliço. Para aplacar o tumulto que se estabelecera na egreja, o sacristão tocava furiosamente a campainha. Houve desmaios, atropelamentos e contusões, na confusão da sahida pela unica porta. Que seria? Que seria? perguntavam todos. Serenados os animos, soube-se o grande escandalo: á hora da benção, o dr. Quirino Junior procurara agarrar a mão da pequena Stella, para se casarem.

O severo major Alexandre, furioso com este desacato e ainda mais com os 20$000 perdidos, viu logo alli o dedo do astuto vigario Vitalino. Com certeza o esperto do padre, pensou o boticario, convenceu ao pobre velho de que a sua «jovem apaixonada» casar-se-a com elle naquelle momento solemne, si apparecesse correctamente vestido. Mas o vigario negou, indignado, esta hypothese, ao exigir o dinheiro da aposta, que recebeu de todos integralmente.

Quanto ao dr. Quirino Junior, desde o escandaloso caso, desappareceu do arraial e do municipio, sem deixar vestigios de sua pessoa. Um eclypse total!

OCTAVIO MOURET

O BOM BURGUEZ

— O' filha. Perdoa-me si eu interrompo as tuas *poses* plasticas, mas... onde estão os meus suspensorios?

Num dia como este!

Um amigo do poeta X. encontrou-o, na sexta-feira santa do anno passado, á noite, na rua do Ouvidor, em tal estado, que mal podia se ter em pé.

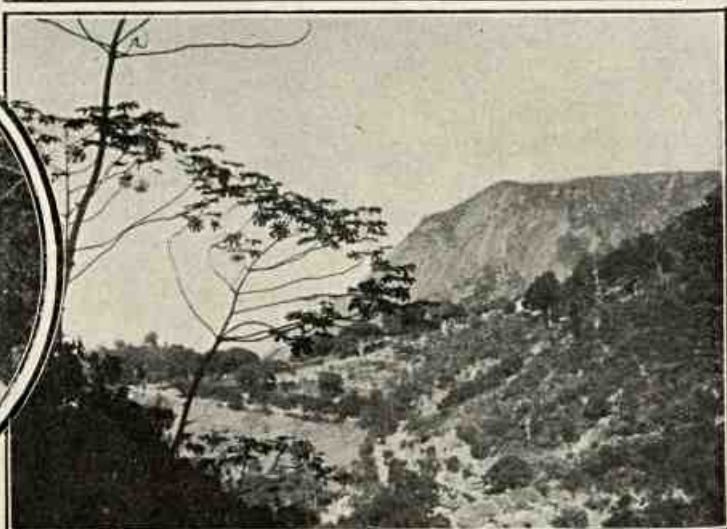
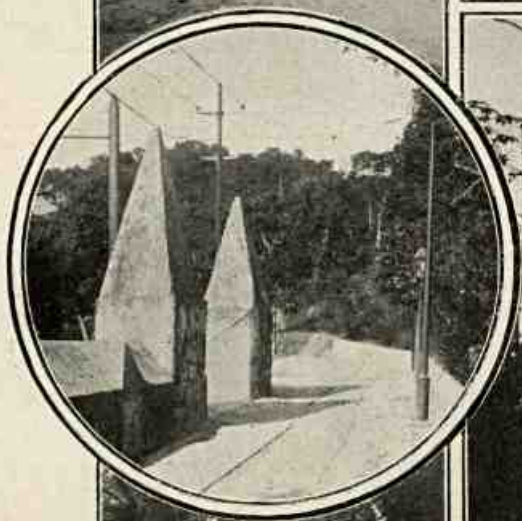
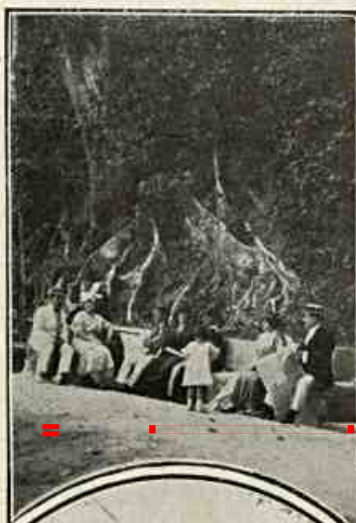
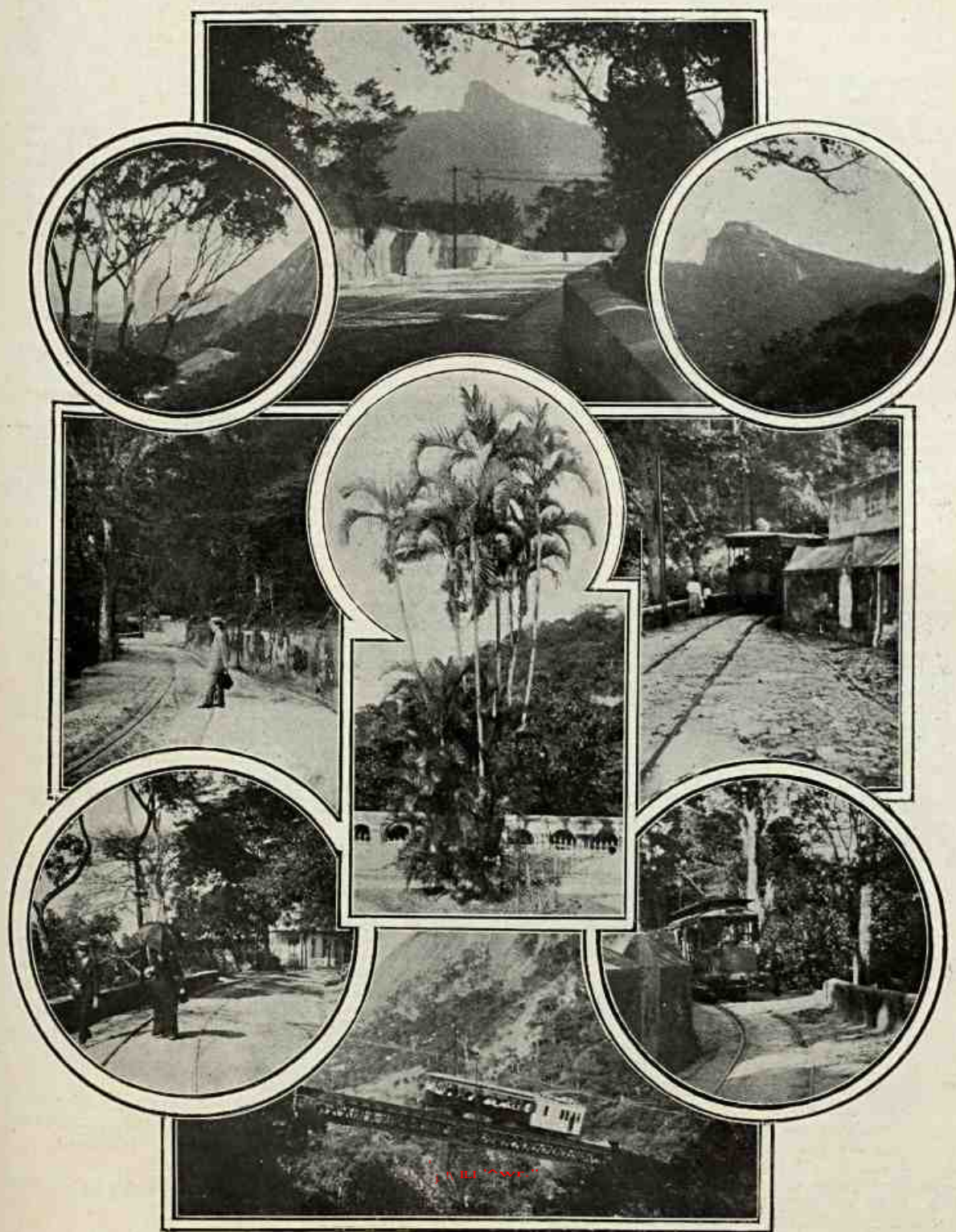
— Com effeito! — diz elle a X. — cambaleando assim num dia destes!

— Não tens razão, respondeu-lhe o poeta, entre dois soluços: num dia em que a divindade succumbe, não é de admirar que a humanidade cambaleie!

ASPECTOS DO RIO

SILVESTRE

Aspectos do Rio

SILVESTRE

O PATINHO TORTO

(*Continuação*)

III

Chegou o dia final do chôco da Pata.

Nessa manhã os ovos appareceram todos picados. Eram os patinhos lá dentro a dar o primeiro signal de vida, instintivamente anciosos por vir gozar aqui fora a alegria feliz das aguas marulhantes, a frescura deliciosa dos lagos ensombrados.

Somente o ovo misterioso se conservou intacto.

Do meio dia por diante estavam os patinhos todos fora das cascas, viçosos, redondinhos, doiradinhos, a brincar no pateo, como bolinhas de oiro a rolar no chão.

O Palacio do Chôco foi invadido pela reportagem dos jornaes. Todo mundo queria saber que diabo de misterio se occultava dentro do ovo phenomenal.

A curiosidade da população era tão grande que os jornaes da capital do Condado tiveram que afixar boletins á porta, informando ao publico que o celebre ovo misterioso ainda não havia sido chocado.

Só tres dias depois foi que as folhas noticiaram que o ovo collossal amanhecera picado. A cidade inteira fervilhou. A reportagem novamente invadiu o Palacio do Chôco e dessa vez a porta do Palacio ficou apinhada de uma multidão anciosa por saber o que se estava passando lá dentro.

Os grandes medicos do Condado offereceram-se para assistir a Pata. Queriam todos desvendar a sciencia os segredos d'aquelle ovo.

A alcova da Pata estava acunhada de sabios. Foi só pela tarde que o misterio se desvendou. Toda a casca do ovo se abriu e lá de dentro surdiu um patinho.

Foi uma decepção completa.

O patinho era um patinho um pouco maior que os filhos da Pata, mas um patinho desengonçado, feio, com um pescaço muito comprido, muito torto, inteiramente differente dos pescoços conhecidos.

Um aleijão!

Toda a alcova teve uma exclamação de nojo. A propria Pata franziu os sobrolhos e estremeceu.

— Que coisa horrivel! dizia um.

— Que bicho feio! exclamava outro.

— Bota isso fora, comadre! aconselhou a Marreca.

A Pata olhou o patinho por muito tempo. Era feio, sim, desageitado, desengonçado, com um pescoço de arripiar, mas tinha recebido o seu calor de mãe, tinha durante dias a fio dado a elle a cobertura maternal das suas azas. E teve pena. Botal-o fora, porque?

— E você ainda pergunta, comadre? replicou a Marreca. Isto desmoralisa uma ninhada. Você nunca terá coragem de dizer que é seu filho.

— Mas é uma impiedade...

— Faça o que você quizer. Eu, no seu caso dava-o e se não encontrasse a quem dar, atirava-o fora. Cruzes!

— Vou crial-o, comadre.

— Crial-o como seu filho?

— Como meu filho.

— Ha muita gente que tem estomago! Em todo o caso faça lá o que você quizer. Já não está aqui quem falou.

No dia seguinte os jornaes diziam horrores do patinho. Houve um matutinho que chegou a contar que o recem-nascido tinha o pescoço do tamanho de uma torre e mais torto que um caminho de aldeia. Outro affirmou que o bichinho era cego e que berrava como um cabrito faminto.

E na imprensa travou-se uma discussão inflamada entre os sabios do Condado.

Que animal era aquelle que havia sahido do ovo misterioso?

O Garnizé era de opinião que sobre esse ponto não devia haver duvida nenhuma. O animal era um Pato como os outros Patos, apenas um Pato defeituoso, torto, aleijado. O que se devia discutir não era a especie do animal que ali estava e sim as causas que concorreram para que a Pata, numa ninhada tão bonita, tivesse um producto de teratologia tão impressionante. O Patury escreveu tres brilhantes artigos, em resposta ao Garnizé mostrando que se devia discutir qual a especie de animal era a do ovo phenomenal. Era talvez o problema mais importante em todo o caso. E explicava. Em primeiro lugar porque o ovo era um ovo maior que os ovos da Pata, em segundo logar porque o seu producto fora differente do producto dos outros ovos, em terceiro porque a Pata affirmava insistentemente que o ovo não era della e não é de bôa educação por-se em duvida o que diz uma senhora.

— De quem é então? perguntou o Gallo Carioca. Do papa?

E mostrava que nem o Garnizé, nem elle, nem ninguem da corrente em que elle se colocara, estava a por em duvidas o que a Pata dizia. Ella poderia affirmar quantas vezes quizesse que o ovo não era seu que todos acreditariam na sinceridade de suas palavras. Apenas a Pata podia estar enganada. Podia estar convencida que o ovo não fosse seu e sendo. Nas dores e nas atropelações da postura podia ter botado para fora um ovo anormal sem dar por isso, descobrindo-o somente dias depois quando o seu espirito estava mais calmo e mais sereno.

Entrou na discussão o Perú. Caiu immediatamente no riculo. No seu estilão confuso era de opinião que o ovo era de um Cysne. De um Cysne que alli o collocara no ninho da Pata.

Foi um pavor. Cairam-lhe em cima, crivando-o de qualificativos horriveis, chamaram-n'o idiota, embecil, palerma e elle não teve mais coragem de repetir a sandice.

Para a discussão terminar foi ainda necessario que a Pata mandasse uma certa circular a imprensa. Era de mais aquillo! Estavam-lhe a entrar nos recessos mais intimos de sua vida domestica!

IV

Naquelle tempo, trez ou quatro dias depois de vir á luz as ninhadas, era do rito as Patas levarem os filhos ao lago sagrado para os apresentar á rainha das aguas.

Com os seus filhos a Pata levou o patinho torto.

Era de tarde a tranquillidade do sol que esmorecia no poente. Nesses dias solemnes em que as mães levavam os filhos para o primeiro banho, a rainha saia do fundo das aguas, toda vestida de espumas, no resplendor dos seus cabellos d'oiro.

Quando a Pata chegou já ella estava a beira do lago, deitada num colchão de areia que as ondas beijavam deliciosamente.

A Pata curvou-se. Um por um dos seus filhos doirados apresentou á rainha. Um por um a rainha os beijou. De repente estacou, recuando, assustada:

— Que é isto? Que bicho é este?

A Pata esplicou. Era aquelle o patinho da historia d'aquelle ovo misterioso.

— Ah!

E a rainha tomou-o nas mãos clarissimas, examinando-o. Em seguida falou:

— Quando ouvi aqui a beira do lago os Patos conversarem a respeito do ovo que appareceu no teu ninho, eu suppuz que ia raiar para o meu lago o dia da sua redempção. A redempção de um lago é quando um Cysne lhe toca as pennas nas aguas. Eu suppuz que o ovo que appareceu no teu ninho fosse o ovo de um Cysne. Que idiota que eu fui! Que desvario o meu!

E voltando-se para o patinho torto que brincava desengonçadamente na areia:

— Sonhei tão alto para desilludir-me com este aleijão. Sonhei um Cysne e tenho um monstro!

Ah, os Cysnes! Que louca fôra ella ter a vaidade de aspirar um Cysne! Ah, os Cysnes! Viviam num paiz muito longe d'aquelle, na gloria omnipotente de sua alvura, na linha real do seu pescoço branco. Os Cysnes! Eram a suprema perfeição da raça, a opulenta glorificação da magestade e da belleza!

E a rainha se foi levantando a fulgir nos seus cabellos fulvos, a rosar as aguas com a cereja desmaiada da sua carne fresca. As palavras saiam-lhe maciamente como um fio d'agua que deslisasse. Em volta os patinhos ouviam-n'a transportados.

Os Cysnes! Ah! viviam lá em outras terras, nas erras sagradas. Por alli nunca um só pisara, porque aquelle lago e ella não mereciam a honra da magestade de um Cysne.

— Que louca eu fui! Que louca eu fui!

Como tinha desejo de ver um Cysne! Mas não, elles viviam lá no ceu de sua gloria, cantados pelos poetas que viviam a lhes rimar a linha do pescoço, o velludo do collo, a alvura das pennas côr de espumas.

— As minhas aguas são muito humildes para receber a caricia das azas de um Cysne.

E novamente fitando o patinho torto:

— E eu que sonhei com um Cysne!

E atirando, espalhando benções pelos patinhos:

— Adeus!

E como visse o patinho torto caminhar para as aguas, fez um gesto para a Pata.

— Não, não o deixes! Não o consinta tocar numa só onda do lago.

E despediu-se.

Abriram-se as aguas. Ella caminhou, o manto dourado dos seus cabellos de leve tocou a superficie azul do lago e ella, com um sorriso de amargura nos labios sumiu-se num rendado luminoso de vagas..

Os patinhos atiraram-se todos á corrente. Somente o patinho torto ficou a margem, triste, abatido, vendo os outros nadar alegremente como bolinhas d'oiro correndo na superficie lisa de um espelho.

Era de tarde, ao côr de rosa do sol ao poente...

FIM

(Da *Arca de Noe*).

Viriato Corrêa

PLANO FINANCEIRO

— ¡Eu cá tenho um plano. O brasileiro tem a mania da importancia. O governo póde vender titulos de barão, conde, marquez, etc., e assim faz-se uma rendosa *emissão de titulos*.

Entre senhoritas

— Ah! Mathilde; estou me sentindo tão bem, estou achando a vida tão bôa, a natureza encantadora!...

— Então...

— Então o que?

— Então, quem é *elle?* Como se chama?

Um homem que escreve bem não escreve como se escreve, mas como elle escreve: e é muitas vezes falando mal que elle fala bem.

MONTESQUIEU

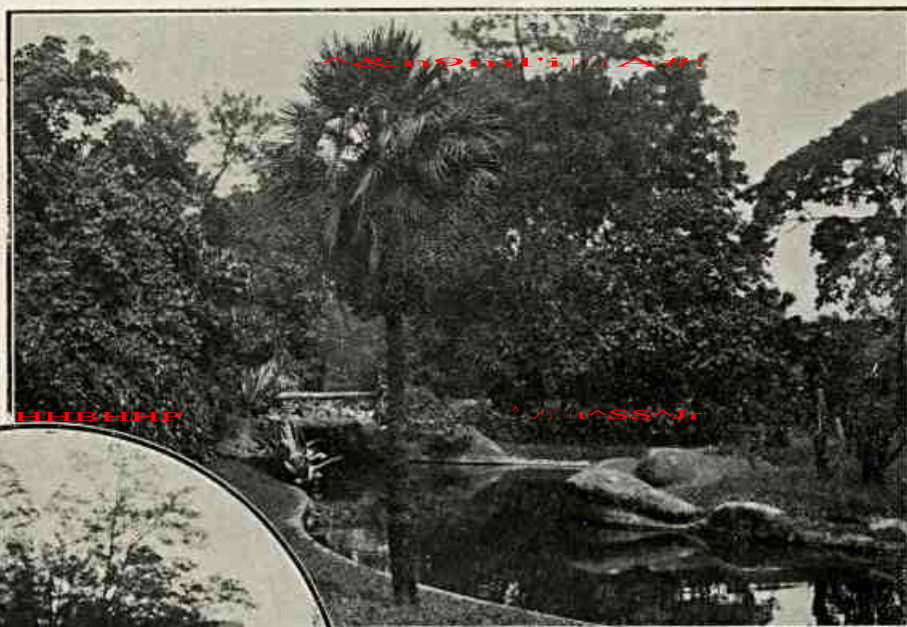
Estando um grande usurario na ultima extremidade, seu confessor o exhortava a bem morrer, apresentando-lhe um crucifixo de prata. O doente encara fixamente o crucifixo, e diz ao sacerdote:

— Não posso emprestar muito sobre esse objecto.

Creanças terriveis.

— Então, tua irmã não vem á sala?

— Ella está esperando que o senhor se vá embora.

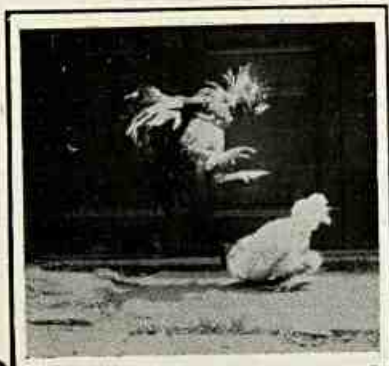
ASPECTOS DO RIO

De todas as miserias ligadas á pobre natureza humana, a que eu lastimo mais sinceramente é o tedio.

VICTOR CHERBULIEZ

Parque da Praça da Republica

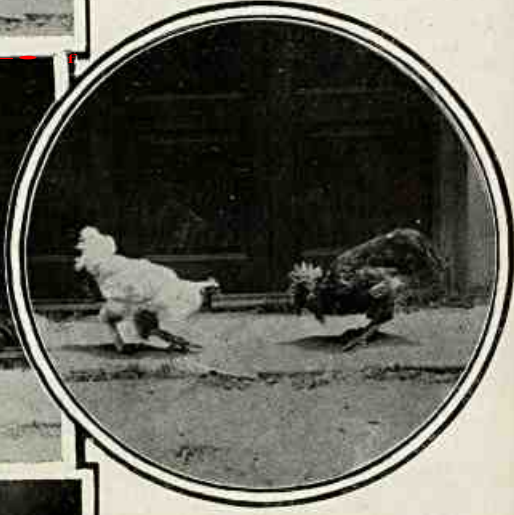
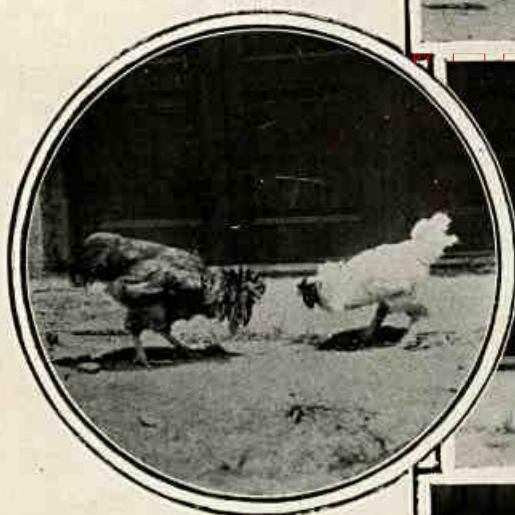
ANIMANDO

Elle, hesitante: — Leonor... posso beijar a tua mão ?

Ella, esforçando-se por parecer hesitante: — ... Sim... mas dá-me tanto trabalho descalçar a luva como levantar o véu.

OS NOSSOS HOTEIS

— Oh ! Garçon ! Esta toalha não está lavada.

— Tambem o sr. é muito impertinente. Mais de vinte pessoas tem se servido nella sem fazerem a menor reclamação.

Scenas do Morro da Graça

Amor omnia vincit

Eis um caso interessante da vida da rainha Margarida de Valois.

Quando esta era ainda joven, um fidalgo gascão, chamado Salignac, tornou-se loucamente apaixonado por ella, o que muito divertia a princeza. Um dia, como aquelle lhe censurasse sua ingratidão, disse-lhe Margarida :

— Que farias para me provar vosso amor ?

— Tudo que de mim exigisses, respondeu o fidalgo.

— Serias capaz de tomar um veneno ?

— Sim ; com a condição que me permittisseis expirar a vossos pés.

— Pois bem, consinto-o.

A princeza então lhe preparou uma poção muito laxante, que Salignac engoliu de um trago, sendo depois preso em um quarto, promettendo-lhe a princeza, sob juramento, alli voltar antes que o «veneno» operasse.

Duas horas depois, Margarida de Valois, acompanhada de outras pessoas da côrte, veiu e abriu a porta. Imagine-se a decepção do pobre Salignac !

Uma «morte» pavorosa !

A oração do Aniceto

Quando começava a missa das 7 horas era certo o vigario ver ao canto da igreja, sempre no mesmo logar, aquelle homemzinho secco, mirrado, que de mãos devotamente cruzadas, joelhos em terra, assim se conservava emquanto se realizava a cerimonia religiosa.

Como entre a gente calçuda fosse raro aquelle fervor religioso na parochia, o vigario tornou-se de sympathia pelo seu devoto e de uma feita resolveu interrogal-o :

— Meu filho, disse elle, como se chama ?

— Aniceto da Silva, para o servir seu reverendo.

— Tenho notado que o meu filho é muito religioso, nunca perde missa.

— E' verdade, seu reverendo, todo o dia eu venho fazer uma fervorosa prece a todos os santos.

— Posso saber o motivo dessa prece ?

— Peço sempre que não me falte trabalho no dia, seu reverendo.

— Muito bem, meu filho, isso depõe muito em favor dos seus sentimentos. Qual é a sua profissão ?

— Sou coveiro, seu reverendo.

O GATO E O CÃO

(Parabola)

Dois philosophos que tinham passado a vida no estudo da natureza e na observação das suas obras, em termos que podiam falar de cada uma d'ellas sabiamente, estavam um dia a conversar acerca dos quadrupedes, dos reptis, dos peixes e das aves e sobre as arvores e as plantas, desde o cedro do Libano até a herva que cresce sobre o muro. Ambos pensavam da mesma sorte e o que um dizia era logo commentado pelo outro.

Aconteceu, porém, que chegaram a falar sobre a natureza, habitos e propriedades do gato, e sobre o assumpto não estiveram de accordo, e disputaram com azedume. Um d'elles dizia que o gato era o mais traiçoeiro e malicioso dos animaes, tigre no aspecto e na indole, posto que não em força, nem no tamanho, e por esta ultima razão os homens deviam agradecer á Providencia.

O outro opinava que o gato era semelhante ao leão nos seus movimentos, na sua magnanimidade, e na generosidade do seu animo; limpo e meigo, e inimigo do cão, animal immundo e desbriado; finalmente, que era utilissimo nas casas, razões pelas quaes os homens se deviam manifestar agradecidos ao céu.

O primeiro irritou-se muito com o que ouviu, pois era muito amigo dos cães, e em apoio da sua opinião citou os mais celebres actos de dedicação de cães cujos nomes foram immortalizados, citou o cão de Tobias, o de Ulysses e o de Alexandre Magno.

Separaram-se exaltados.

O amigo dos cães ao entrar em casa encontrou-a cheia de ratos, e disse: «Não é o gato tão máu como eu pensava.» E o amigo dos gatos, ao recolher-se, notou que os ladrões lhe haviam carregado varios objectos de valor, e disse: «O cão não é tão ruim como eu suppunha.»

A zombaria é o traço caracteristico predominante das sociedades sem crença.

BALZAC

Grande acontecimento

— Mamãe! Eu descobri o femenino de *phenomeno!*

— E' uma grande descoberta. E como é?

— O femenino de *phenomeno* é Philomena.

Um negocio intelligente

Um fazendeiro do municipio de R. P., em São Paulo, possuia um soberbo cão «São Bernardo», bello e intelligente animal, que causava a admiração de quantos o viam.

Certo dia, passando por sua fazenda um inglez que regressava para a patria, o dr. Ross, propoz-lhe quinhentos mil réis pelo cão. O dono recusou.

— Quer um conto de réis ?

— Não senhor.

— Quer tres contos ?

— Não me desfaço d'este animal por preço algum.

O inglez então montou a cavallo e retirou-se. Poucas horas depois chegou á fazenda o dr. Claudio, que possuia um sitio a umas dez leguas de distancia. Propondo ao fazendeiro trezentos mil réis pelo «São Bernardo» aquelle acceitou logo e lhe entregou o animal.

Depois de retirar-se o comprador, como a mulher do fazendeiro lhe exprobasse, indignada, ter elle recusado tres contos por um animal de estimação, para depois vendel-o, pela decima parte, o marido lhe explicou o caso :

— Vendido ao dr. Claudio, o nosso cão está aqui de novo amanhã ou depois. E si o inglez o levasse, elle não poderia atravessar o Atlantico a nado !

Os nossos medicos

Um sujeito desses cuja urucubaca é tão intensa que si se fizessem chapelleiros começavam as creanças a nascer sem cabeça, querendo apartar uma briga levou um tamanho golpe com a ponteira de um guarda-chuva em um dos olhos que cahiu sem sentidos. Veiu a Assistencia e o pobre carregado, depois de percorrer algumas ruas á razão de 850 kilometros por hora, foi medicado no posto Central. Quando recuperou a falla poz-se a gemer profundamente e depois perguntou ao medico :

— Ai doutor, diga-me com franqueza uma cousa: terei perdido o meu olho ?

— Perdido ? Qual o que ! Aqui está elle em cima da mesa.

ECHOS DO CARNAVAL DE 1915 — QUEM VENCEU ?

Depois do carnaval, é uma pergunta que sahe de todos os labios : Quem venceu ?!!! E, ninguem sabe responder. Pois bem, nós responderemos : quem venceu foi a acreditada **Fabrica de Cigarros Veado**, que, com o seu luxuoso carro illuminado á luz electrica, fez o maior successo do carnaval deste anno, distribuindo ao povo d'esta capital grande quantidade de *ventarolas*, cinzeiros, prospectos, brinquedos e milhares dos apreciados cigarros *Vanille*, *Royal* e *Lucerne* de sua fabricação, e o povo só tem que agradecer aos conceituados industriaes Snrs. José Francisco Correia & C. por terem apresentado o carro mais lindo do carnaval deste anno.

A

"CASA RAUNIER"

Faz presentemente o desconto de

20 %

nos preços dos artigos das secções

= de MODAS, CONFECÇÕES para =

Senhoras e Creanças e FAZENDAS

172 - OUVIDOR - 172

O TERREMOTO NA ITALIA

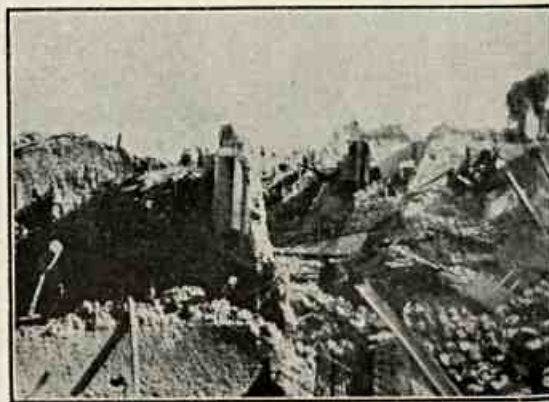
Scenas da devastação de Avezzano

Local onde 140 estudantes foram completamente sepultados

Restos do Castello de Torlonia. Suas paredes tinham cerca de 5 metros de grossura

St. John Lateran

O Rei de Italia entre as ruinas

St. John Lateran

A' procura dos desapparecidos

Tudo quanto ficou do palacio do conde de Resta

O MESMO RISCO

Authentico.

Quando o dr. Wenceslau Braz era ministro do Interior do dr. Silviano Brandão, no governo de Minas, em 1899, certo dia recebeu em seu gabinete a visita do original Moysés de Paula.

Moysés era um homem de cincoenta annos, extremamente magro, baixo, côr bronzeada, e com o rosto mais enrugado que um genipapo murcho. Andava invariavelmente envolto num longo sobretudo, de mãos atraz das costas, o rosto pendido para o chão, sob o peso do immenso saber que lá dentro o suffocava. Porque Moysés dizia-se philosopho e versado em toda a sciencia divina e humana.

O dr. Wenceslau perguntou ao Moysés em que lhe poderia ser util.

— Doutor, eu desejo reger uma escola publica no arraial de Mattosinhos.

— Vamos ver si ha alli uma cadeira vaga, respondeu o secretario do Interior. Tocou a campainha, appareceu um continuo, a quem mandou pedir ao director da Secretaria a lista das escolas vagas no Estado.

Minutos depois voltou o continuo com um papel que entregou ao dr. Wenceslau. Este, depois de lel-o, disse ao Moysés :

— Em Mattosinhos só ha vaga uma escola, mas do sexo feminino.

— Essa mesma me serve.

— Impossivel. Só pode ser regida por uma professora.

— Mas não ha professoras que regem escolas masculinas ? perguntou o philosopho,

— Perfeitamente, respondeu o dr. Wenceslau. Mas o caso é differente.

— Não senhor, é a mesma coisa, concluiu o Moysés. «Tanto risco corre o páo como o machado.»

C.

Olympias, mãe de Alexandre Magno, para reprimir a vaidade de seu filho, que se vangloriava de ser filho de Jupiter Ammon, dizia-lhe : «Peço-te que digas isso poucas vezes e em voz baixa ; Juno é uma rival perigosa.»

CORAÇÃO EM FOGO

Elle monologando — Quando a vejo, tão dada ao *amor da sala* de um cinema, tenho impetos de *amordaçal-a* e sinto o *amor d'assal-a* ao fogo de meus beijos.

Os nossos medicos... e os nossos doentes

Depois de um longo exame, o medico pergunta ao doente no acto de passar a receita:

— Seu nome?

— Modesto Leal.

O medico depois de examinal-o com attenção:

— Pois com esse remedio, cessará a gravidade da sua affecção. Entretanto precisa submetter-se a um regimen especial durante tres annos pelo menos. Eu dirigirei esse tratamento.

O doente coça a cabeça desassocegado e depois diz:

— Olhe, sr. dr., com franqueza. Se esse regimen fôr muito dispendioso eu não poderei submetter-me a elle.

— O senhor não poderá?... E' espantoso! E porque, não me dirá?

— Pois um pobre amanuense de secretaria pode lá, sr. dr. fazer despezas de um tratamento de tres annos?

— O senhor é amanuense de secretaria?

— Sim senhor. Ah! Já sei! O senhor pensava que eu era capitalista? Antes fosse!

— Está bem. Leve a receita. E' um derramamento bilioso simples. Com a receita ficará curado.

Para mobiliar uma residencia com apurado gosto e maximo conforto não é preciso mais do que procurar a nossa casa.

Ahi encontrará V. Ex.ª por modicos preços os trabalhos mais perfeitos de marcenaria.

LEANDRO MARTINS & C.

Ourives, 39-41-43

Os nossos parentes da roça

O Cannabrava ha uns mezes atraz viajava ahi pelo interior do Estado do Rio. Como os senhores sabem é cousa muito commum a quem pelo interior viaja fazer as suas refeições nas casas que encontra em caminho, á mingua de estabelecimentos que pratiquem a nobre industria de hospedagem. Ora o Cannabrava justamente quando a barriga começava a dar imperiosos signaes de que estava absolutamente necessitada de conforto, chegou ao pateo de uma fazendola de garrido aspecto, ás margens do rio Parahyba.

Chegou e apeou-se. O primeiro espectaculo que lhe chamou a attenção foi um grupo formado por um velho, um garoto de uns 13 annos e uma vara. O velho agarrava o garoto por um braço. Na outra mão tinha a vara que sibillava cortando o ar e ia terminar sua trajectoria nas polpudas ancas do pequeno que berrava como um bezerro com saudades de sua terna mãe (a vacca).

Vendo o recem-chegado o velho suspendeu por algum tempo a operação e deu as boas vindas ao Cannabrava.

— E' seu filho esse pirralho? perguntou o nosso viajante depois das necessarias apresentações.

— Não. E' um sobrinho meu, da cidade, que veio passar commigo os tres mezes de férias *para se divertir.*

— O senhor não me garantiu que este papagaio repetiria todas as palavras que ouvisse?

— Garanti, sim, senhor.

— Mas elle não repete uma unica palavra.

— Repete as que consegue ouvir. Mas, como é surdo...

Dialogo

Mulher geniosa: — Sim; vocês homens não fazem senão accusar as mulheres; Somos desmazeladas, vaidosas, curiosas, futeis e, sobretudo, bisbilhoteiras e linguarudas, mas, hão de confessar que nem sempre é a mulher que pronuncia a ultima palavra nas discussões.

Marido fleugmatico: — E' verdade; as vezes acontece estar ella discutindo com outra mulher.

Marinos Kondaras

(ARGYRIS EPHTALIOTIS)

Desde creança que eu gosto das viagens. Atirava na minha barca os arpéos e as redes, desprendia-a da margem e partia para longas pescarias. A's vezes nem vontade tinha de pescar; e qualquer brisa que sobreviesse içava as velas, recolhia os instrumentos de pesca e deixava-me levar para o mar alto. Abordava a margem opposta no ponto em que a sorte me lançava. Ia á aventura, então.

Um dia o vento de oeste levou-me a Nerochovi e logo que saltei em terra veiu-me o devoto desejo de offerecer um cyrio a S. Nicolau padroeiro do logar. No caminho cruzei com um enterro. Sahia de uma casinhola no fim da aldeia e era transportado para a igreja. «Mau signal» disse de mim para mim. Era o enterro de uma velha; um pobre velho que para andar era preciso que o amparassem acompanhava o cortejo. Seguiam-n'o mais algumas velhas e dous ou tres homens. Ajuntei-me ao cortejo e com elle penetrei na igreja. «Bella distracção, pensava eu; sahir para um passeio e acompanhar um enterro! E ter agora durante toda a noite essa impressão contristadora!» A unica igreja da aldeia era essa de S. Nicolau, pequenina, baixa, muito escura e cuja construcção remontava a um seculo talvez. Não tinha columnas no interior, nem cupola ao alto; cobria-a como todas as demais casas um simples terraço; tinha janellas e em vez do pavimento em mosaico a terra nua, batida.

Entretanto as columnatas do altar, de nogueira, eram de fino lavor e quasi attingiam o tecto. Ahi estava concentrada toda a riqueza da igreja: uma imagem de S. Nicolau occupando um logar ainda maior que o da virgem-mãe; a lampada, enorme peça de prata, coroas e ornatos innumeraveis; ancora de ouro e barquinhos feitos pelos ourives em tal quantidade que atravez de tantas preciosidades mal se podiam distinguir as feições do orago.

Mal tivera tempo para esse rapido exame e o caixão fora collocado no centro da igreja. As psalmodias pararam um instante só se ouvindo o crepitar das tochas e das lampadas; quando o officiante começou a cerimonia funebre voltei-me e comecei a examinar o velho. Elle tremia dos pés a cabeça e os outros continuaram a sustental-o como se elle estivesse esgotado por alguma molestia grave. Curvado, mas de elevada estatura, pallido, superciIios expessissimos que deitavam sobre os olhos, os labios tremulos, bigodes e cabellos de neve, era um bello velho ainda; mas na verdade causava dó.

Meia hora depois estavamos em caminho para o cemiterio ao lado mesmo da capella e as primeiras pás de terra eram atiradas sobre o corpo. O velho não poude supportar esse espectaculo. Cahiu para traz murmurando palavras sem nexo. Tentamos examinal-o dando-lhe agua e levantando-o. Foi em vão. Tivemos de transportal-o para o aposento do *pappas* (1) Ahi, elle abriu os olhos, e lançou um olhar sobre a imagem de S. Nicolau. Depois immobilisou-se de novo; estava morto.

Sahi tomando o rumo do caes. Toda gente já sabia da morte de Marinos Kondaras, morte provocada pela dor de haver perdido sua bem amada Lemoni. Tomei um tamborete, sentei-me proximo á praia e accendi o meu cachimbo.

Fumava, pensativo, quando a mim chegou-se o capitão Thanasi que deu-me as boas vindas. Conheciamo-nos porque freguentes vezes elle ia ao outro lado vender peixe. Offereci-lhe um refresco que elle acceitou de bom grado.

Thanasi era boa prosa e logo — lhe veiu aos labios um assumpto — a morte de Marinos Kondaras — a gaivota das ilhas Muscadas, que outr'ora fizera tremer todo o Levante, Então narrou-me o seguinte:

— Eu era ainda grumete na barca do capitão Manoli, que Deus guarde, quando por aqui appareceu um dia a barca de Marinos Kondaras. Deus sabe de que logares vinha elle fugitivo, a esconder-se nesse buraco. Sua situação nunca fora bem clara: sempre compromettido em algum assassinato ou algum latrocinio. Chegou trazendo no seu barco uns seis ou sete grandes caranguejos, alguns ouriços e poucas ostras para pretexto de negocio. Era um typo intratavel; a lamina de sua faca andava sempre tinta de vermelho, ás vezes do seu proprio sangue pois quando estava ebrio acontecia-lhe dar golpes no proprio corpo para mostrar a sua bravura.

Era bem um *palikare*, o demonio do rapaz! E bonito ainda por cima.

Mal amarrou a barca na praia saltou em terra e correu á vinha de Gligori Phiseki, saltou a cerca e enchendo o avental de uvas ia voltando tranquillamente, como se nada houvesse feito. Mas á sahida dá de cara justamente com o proprietario. Gligori era então o rapaz mais atrevido da aldeia, que fazia barulho por qualquer ninharia. Vendo o ladrão fez um alvoroço.

Kondaras, tranquillamente, poz-se a rir e continuou a caminhar para o logar em que deixara a sua barca. Então Phiseki atirou-se em seu encalço. Seus gritos já haviam congregado varios visinhos que se lhe juntaram. Sem a menor emoção Marinos sentou-se em sua barca e começou a distribuir as uvas por seus companheiros. Os nossos exaltavam-se. Correram para a barca esforçando-se por agarrar Marinos que então levantou-se e saltando para a praia gritou:

— Diabos do inferno? Vocês não sabem então que eu me chamo Marinos Kondaras?

Todos se immobilisaram ao ouvir esse nome.

Entretanto Phiseki por temor de ridiculo não quiz recuar.

— E eu, disse elle, chamo-me Gligori Phiseki. Se não tens medo de lutar commigo deixa a faca e vem para cá. Lutaremos na areia.

Marinos encarou Gligori bem nos olhos e sorriu. Tirou sua jaqueta, atirou-a por terra juntamente com o punhal e começou a andar á roda balançando as mãos de uma certa maneira como se entrasse na dansa. Gligori por seu lado fazia os mesmos gestos.

— Aquelle que cahir pagará de beber esta noite a todos.

— Até de manhã — respondeu Marinos.

— Com musica?

— Sim, com musica.

Cruzaram olhares ferozes e atiraram-se um contra o outro. Foi só o tempo de dizer *amen*. Kondaras agarrou Phiseki pelo meio do corpo e atirou-o ao chão de pernas para o ar.

— Basta Gligori, gritou um dos espectadores, tuas costas já tocaram a terra.

Gligori levantou-se, sacudiu-se e vestiu o seu collete pensando que teria sido melhor não haver reclamado contra o furto das uvas.

A' noite, o botequim de Theochari estava cheio de bebedores.

Toda a aldeia se reunira no rua para ver o celebre Kondaras; e este que toda aventura transformava em um animal feroz, parecia então um anjo. Só as ilhas Muscadas possuem semelhantes rapazes. Esbeltos como cyprestes, cintura quasi cabendo em um annel, olhos grandes e brilhantes como o das raparigas e o bigode negro retorcido em anzol. Todo o mundo o admirava recostado em seu tamborete a

(1) Sacerdote do rito orthodoxo.

beber á saúde de Gligori que elle chamava de irmão, louvando o sabor das suas uvas.

Gligori impava de orgulho de te-lo por amigo embora houvesse sido vencido. Mandou-se buscar as rabecas em Megalochori e logo que ellas chegaram começaram os cantos e depois de meia noite foi todo o bando fazer uma serenata, dirigindo-se para a casa de Phiseki.

Gligori morava então com a sogra e com sua irmã Lemoni; exigiu que esta viesse servir a bebida aos hospedes. A moça teve de sahir da cama onde dormia e vestir-se, á ordem de seu irmão; Gligori tinha mesmo intenções de casal-a com um dos rapazes presentes.

Appareceu Lemoni com suas vestes de festa para offerecer a bebida. Era então uma bella rapariga de 18 annos, de cabellos louros e olhos negros; e todos olhando-a esqueceram-se da festa, sobretudo Marinos Kondaras, que perdeu a cabeça. Retorcendo as guias do bigode os seus olhos ardentes não se tiravam da donzella. O ingenuo Gligori não fazia caso disso pela grande confiança que tinha na irmã, confiança que nem o proprio diabo conseguiria abalar. Regosijava-se até com os olhares de admiração que sobre ella lançavam. E assim Lemoni continuou no grupo, entrando, sahindo, servindo a todos de beber.

Os cantos e dansas haviam recomeçado, porem Marinos já não fazia caso dessas cousas. Fingindo ter bebido demais sentára-se a um canto, e retorcia os bigodes. Parecia que Satanaz conversava com elle tanto elle estava perturbado.

A' apparição dos primeiros albores do dia, Phiseki tomando-o pela mão, arrastou-o de novo para a dansa.

— O vinho parece ter o dom de fazer dormir á gente do mar, disse elle.

Marinos não resistiu e como um homem que sente necessidade de se atordoar recomeçou a dansar com frenesi. Depois desejou cantar e atirou uma moeda aos musicos que perguntaram que aria elle desejava. Então pela primeira vez foram cantados entas palavras que hoje escutamos em todas as bodas cá da terra:

«Tens olhos negros e cabello louro
E na face um signal da cor de ouro»

Conheces o estribilho; só a gente pensar nelle põe-nos quasi doidos.

Quando acabou Marinos recahiu na sua meditação. De repente voltou-se para Phiseki:

— Não posso mais, meu caro Gligori; que ella venha nos servir pela ultima vez e eu vou-me embora.

Gligori, completamente embriagado chamou Lemoni e então aconteceu a desgraça.

Marinos levantou-se, empunhou o copo e olhando fixamente para a moça falou-lhe como se estivessem ambos sósinhos:

«Na tua vinha, em busca da doçura, entrei
Mas a doçura só em teus labios encontrei»

E dizendo isso, inclinou-se e beijou-a.

Uma tal acção era cousa inaudita em nossas ilhas; nunca tal se dera em nossa aldeia.

A moça ruborisada, fugiu e fora começou a chorar como uma creança. A sogra avançou então para o grupo e começou a descompor Gligori. Todos fizeram silencio. Os musicos fugiram e os convivas um a um foram se eclypsando. Gligori pareceu sahir de um sonho. Olhou um instante em volta depois pareceu tudo comprehender e precipitou-se sobre Marinos.

Mas o anjo tornara-se de novo animal feroz. Kondaras brandiu seu punhal atirando sobre Gligori um olhar satanico. Varias pessoas pricipitaram-se ao mesmo tempo sobre elle, arrancaram-lhe a arma, arrastaram-n'o para fora até a barca.

Em caminho, entrando em suas casas, armavam-se este de uma pistola, aquelle de um machado, aquel-l'outro de um facão.

Chegados á praia collocaram-se em linha e intimaram Marinos a retirar-se no mesmo instante se não queria ir para o fundo com seus companheiros barca e tudo.

Os de Marinos eram poucos e estavam ebrios.

Marinos içou a vela fez-se ao largo e de longe, com uma risada sonora:

— Até breve!

Gligori chegou tarde de mais, armado de um bacamarte e vendo a barca longe tomou-se de uma raiva louca, entrando n'agua como se quizesse seguir atraz della. Toleimas de ebrio! Carregaram-n'o para casa.

Quando Marinos ganhou o alto mar foi tomado de um accesso de selvageria. A principio ficou silencioso, mas depois voltando-se para os companheiros, disse-lhes:

— Rapazes nós temos ja escapado de muitos perigos. E' preciso que vocês hoje se exponham por mim a mais um. Essa moça eu quero raptal-a; desejo-a para minha mulher. Já dei a volta ao Levante e ás Ilhas sem encontrar aquella que deveria fazer bater meu coração; agora que a deparei, que amo-a, deveria acaso renunciar á sua posse? Por S. Nicolau, juro que ou será minha ou morrerei e ella commigo.

Todos sabiam que Marinos Kondaras não gracejava.

— Mas si ella não quizer? arriscou-se a perguntar um dos companheiros.

— Si ella não quizer? Então tu não reparaste, toleirão, como ella corava ao peso de meus olhares? Falas como si nunca tivesses visto mulheres!... Aproemos para o cabo que fica em nossa frente. Esta noite saltaremos em terra em Therma. Desembarcarei sosinho, disfarçado em mendigo. Voces me esperarão na praia.

Assim se fez. Noite fechada um mendigo bateu á porta da casa de Gligori. Este estava no botequim pois que os musicos não se tinham retirado ainda. A velha palestrava pela visinhança. A moça sosinha em casa preparava a ceia. Tinha passado todo o dia envergonhada e seus olhos estavam inflamados pelas lagrimas. Felizmente era adorada pelas amiguinhas, de sorte que uma a uma a haviam procurado para a consolarem, garantindo-lhe a continuação de sua amizade accrescentando que visto que a deshonra não provinha della ninguem della caçoaria nem nas conversas nem canções joviaes.

Assim á tardinha ella ficara mais consolada. Depois puzera-se mesmo a pensar: «Que desastrado! Porque não manifestou elle o seu amor como o costuma fazer a gente bem educada! Com duas ou tres palavras elle viraria a cabeça de Gligori!»

Agora estava tudo acabado, ella não mais o veria, não mais lhe escutaria as palavras...

Neste momento bateram á porta.

— Quem é? perguntou Lemoni.

— Deus perdôe a teus defuntos, minha filha. Ouço as pessoas mas não posso vel-as. Tem pena de mim, dá-me uma esmola.

A porta abriu-se e Lemoni estendeu a mão para dar um pedaço de pão.

— Deus perdôe a teus defuntos, murmurou outra vez Marinos. E precipitou-se dentro de casa.

Lemoni reconheceu-o immediatamente e desmaiou. Marinos não tinha tempo a perder. Olhou em volta, tirou um lenço da algibeira e amordaçou a donzella cuidadosamente. Tomou-a depois nos braços, sahiu pelos fundos, saltou o muro, cahiu em pleno campo e fugiu apressadamente. Parou sob uma arvore e collo-

cou a moça no chão. Com um pouco de agua de flores de laranjeira que comsigo trazia conseguiu fazel-a voltar a si. Então Marinos viu logo que não havia necessidade de mordaça; tirou-a e continuou a garregala em direcção á barca.

Os camaradas esperavam empunhando os remos. Dentro de uma hora estavam em Kolochori. No caminho a moça recuperava inteiramente os sentidos; mas só Deus sabe em que estado ella estava. Marinos teve para com ella os cuidados de uma extremosa mãe para com o filho, falando-lhe, animando-a, sem uma palavra mais rude, sem um só gesto menos respeitoso. E então a moça respirou um bocadinho. Seu coração parecia que estava a segredar-lhe ao espirito palavras tranquillisadoras. Mas de repente lembrou-se de sua casa, de sua aldeia, de seu irmão e da vergonha.... ah! da vergonha sem nome que iria cahir sobre o seu nome nas maliciosas canções dos seus conterraneos.

Tornou a desmaiar, tornando Marinos a empregar a agua de flores de laranjeira. Todos estavam angustiados. Quando ella voltou a si, Marinos que comprehendia perfeitamente o pensamento que a dominava começou a falar-lhe com a voz mais suave deste mundo, jurando que não tocaria em um seu cabello antes que as bençãos da igreja os houvesse unido. Accrescentava que essa benção só seria dada se ella desse o *sim*. E tomava os seus companheiros por testemunhas do seu juramento.

Chegaram a Kolochori e Lemoni não abrira a bocca ainda para proferir uma unica palavra. Marinos fez notar que já não era tempo mais de reflectir pois que tinham chegado. A moça começou então a soluçar. Por fim no momento em que o croque enterrava-se na margem para segurar a barca ella fazendo um appelo á sua coragem, disse:

— Se tu jurares deante da Virgem e de S. Nicoláu, na presença do *pappas* que d'óra avante tua vida será tão pacifica e tranquilla quão doces eram as palavras que me dirigistes, que abandonarás o mar e a facca, que voltarás á aldeia acompanhado do *pappas* afim de que elle certifique a todos que eu entrei pura na igreja, se me promettes mais ficar para sempre commigo, então eu darei o *sim*.

Marinos não desejava outra cousa e alem disso tudo elle prometteria, o impossivel mesmo, por amor della.

Desembarcaram e atravez das ruas sombrias dirigiram-se a igreja de Kolochori. Chamado o *pappas* começou por se recusar ao que delle exigiam. Mas vendo as faces exaltadas e o brilho das facas fora da bainha decidiu-se a revestir a sua estola e a celebrar o casamento. Antes da benção, Marinos pronunciou duas vezes o juramento convencionado, uma vez sobre o Evangelho, a outra sobre a imagem de S. Nicolau que Kondaras ainda temia mais do que o Evangelho.

— Voltemos, disse elle, e que o *pappas* venha comnosco.

— Uma hora antes da madrugada a barca chegou ao nosso porto. Os marinheiros estavam armados, para o caso de um ataque.

O padre saltou sosinho e dirigiu-se á casa de Gligori. Encontrou-a cheia de agitação. Toda a noite haviam procurado com lanternas toda a aldeia e iam mesmo continuar as pesquizas nos povoados mais proximos, em busca de Lemoni.

O *pappas* chegando restabeleceu a calma.

Penetrando na casa elle dirigiu-se directamente a Phiseki que jazia sobre uma cadeira, a face entre as mãos, os olhos esgazeados e os cotovellos sobre os joelhos.

— Meu filho disse o *Pappas*, que a benção de Deus esteja comtigo. Não temas cousa alguma, tua irmã conserva-se tão pura e tão honesta como na hora em que nasceu e aquelle que a raptou transformou-se agora em outro hommem. Eis o seu juramento. Como não sabes ler escuta: «Juro sobre o Evangelho e sobre a imagem de S. Nicolau — como é grande a sua graça! — que a partir deste momento em que tomo por esposa a Lemoni, filha de Mastro Vasile, de Nerochori, até o fim de minha vida, abandonarei o mar, nunca mais usarei faca e viverei ao seu lado em Nerochori, jamais pronunciarei contra ella uma palavra amarga, ao contrario viverei com ella na paz e no amor. Marinos Kondaras.»

Phiseki começou a blasphemar. O *pappas*, homem bem educado e conhecedor do mundo, fez que todos sahissem do quarto e ficou só com elle cerca de uma hora. Gligori gritava e debatia-se como um condemnado.

Quando surgiram os primeiros clarões da aurora os clamores de Gligori haviam cessado, só se ouvindo o rumor das palavras que os dous trocavam. E quando o sol nasceu o padre, Gligori, toda a parentella e alguns visinhos com os musicos á frente dirigiram-se para a praia em busca dos noivos.

Marinos e os seus ouvindo esse rumor festivo começaram a chorar de prazer. Lemoni desmaiou outra vez e foi nos braços de Gligori que desta vez ella recuperou os sentidos.

Toda a aldeia se reunira já e foi um grande cortejo o que se dirigiu á casa de Phiseki entoando a canção dos esponsaes.

Nunca mais me esquecerei desse cortejo. Fomos primeiro á igreja de S. Nicolau. Ahi prometteu Marinos trocar sua barca por uma lampada de prata. Deves tel-a visto hoje na igreja. Depois da oração voltaram todos para casa. As moças se reuniram; vestiram a noiva e as bodas começaram. Primeiro a benção nupcial depois as festas, que duraram um dia e uma noite. Eu tambem entrei na dança, por signal foi até a primeira vez, pois nem bigodes tinha ainda. E' o motivo porque me lembro tão bem de tudo. Mas pouco mais tenho para contar.

Ainda não te referi que transformação soffreu aquelle homem, aquella fera engaiolada, nem falei da felicidade que elle gozou com a sua Lemoni e a vinha, causa de tudo isto, que lhes dera Gligori. Não te disse tambem que durante muitos annos elle recusou-se até a pescar, sendo necessario que o *pappas* de Kolochori, o mesmo que havia realisado o seu casamento lhe viesse dizer que S. Nicolau lhe perguntava porque Kondaras não mais pescava. Ahi elle voltou ao mar, mas só de tempos, em tempos só para trazer algum peixe fresco para a sua bem amada Lemoni. Em summa viveram naquelle amor durante cincoenta annos e nesse amor morreram ambos no dia de hoje.

— Está bem. Boa noite capitão. E' preciso que eu vá levar um cyrio a igreja.

Foi assim que me despedi.

O sol estava quasi a desaparecer. O silencio reinava no cemiterio. A porta fechada. Nem o padre nem o coveiro. Abria-a, entrei e fui até o tumulo da divina Lemoni. Havia duas covas, uma ao lado da outra e uma cruz entre ellas feita com uma pá e uma enxada.

* * *

ARGYRIS EPHTALIOTIS é o pseudonymo literario de Cleantho Michailidis, nascido em Methymno (ilha de Mytilenos) em 1849. — Methymno é o logar celebrado por Longus na sua celebre pastoral *Dappnis e Chloé*. Foi o iniciador na Grécia de um movimento literário, o creador das novellas rústicas. Companheiro de Psichari, é quasi tão celebre como elle. Com Krystallis, Epachttis, Carcavitsas, Pasayanis, Hatzapulos, Christovasilis, Pappadiamandis, Xenopulos e Paulos Nervânas renovou a literatura grega. Publicou: "Historias das Ilhas", "Cadernos do Pae Dimas", "Espelho de meu castello" (versos) "Historia da Romaicite", "Brucolaca" (drama).

FOI O CALOR

Um sugeito, pouco antes de sahir com a esposa para um jantar de anniversario, contou-lhe a pessima chronica de uma senhora que iam encontrar como conviva.

Como a senhora de pessima chronica era esposa de um typo altamente collocado, o sugeito pediu á mulher o maximo segredo sobre o que acabava de contar-lhe.

Vinte minutos antes da hora de irem para a meza, um escandalo brutal rebentou na sala: o dono da casa chamou o contador da historia em particular e pediu-lhe que, para bem de todos se retirasse com sua esposa, pois esta, taes revelações fizera n'uma róda em que se achava, que provocou protestos geraes, tornando-se assim a presença de ambos incompativel com a harmonia da festa.

O sugeito retirou-se com a mulher. Mal chegaram a rua, perguntou elle:

— Mas que foste fazer?! Não te pedi tanto que não deixasses transpirar o que te contei?

Respondeu ella:

— Como não havia de *transpirar!* fazia tanto calor...

NÃO SE DESCUIDE DESSA TOSSE

Tome cuidado com as constipações. Por mais insignificantes que pareçam, são muitas vezes o prenuncio de males bem maiores. Uma influenza mal curada é muitas vezes

O CAMINHO DA TUBERCULOSE

A sua imprevidencia num caso desses não poderá ser desculpada, pois que está descoberto o especifico da grippe: o

que repentinamente faz desapparecer o estado febril, dores no corpo, enfraquecimento, defluxo, — todo o cortejo symptomatico da influenza.

Conclusão

O X., lendo um almanach velho, encontrou o seguinte pensamento de Franklin:

«A desgraça é proveitosa para duas cousas: para experimentar os amigos, e para acrisolar a virtude. Succede ao homem de bem o mesmo que ás hervas aromaticas que, quanto mais calcadas estão, mais exhalam os seus perfumes.»

X. fechou o almanach, ficou um quarto de hora olhando o tecto e de repente monologou: «Como este sr. Franklin acertou! E' tal qual o que aconteceu commigo; tanto me pisaram que eu fiquei sendo uma *cheirosa creatura!*

Em todos os estados — Em todo o interior
RUA SETE DE SETEMBRO, 79 — RIO DE JANEIRO

MOLESTIAS
DE
SENHORAS?

Esta preparação CURA radicalmente todas as molestias do UTERO, como sejam HEMORRHAGIAS, FLORES BRANCAS, FLUXO CERVICAL e outras molestias congeneres, acalma as dôres e colicas da MATRIZ e regularisa a menstruação, seja ou não abundante o fluxo.

Pelas propriedades tonicas e fortificantes que possue convém a todas as senhoras que soffrem de ANEMIA e CHLOROSE.

APPROVADA PELA DIRECTORIA GERAL DA SAUDE PUBLICA DO BRAZIL

LABORATORIO DA SAUDE DA MULHER
DAUDT & LAGUNILLA
Rua do Riachuelo n. 430 RIO DE JANEIRO
(Antiga casa DAUDT & FREITAS, de Porto Alegre)

Inventores dos preparados:

A SAUDE DA MULHER,
BROMIL, BORO-BORACICA E
DEPURATIVO LYRA

O PIANO AUTOMATICO "REX"

dá a perfeita illusão do eximio

ARTISTA

EM VOSSA casa, apenas por **24$000**

SEMANAES

VÓS TEREIS TODOS OS MAESTROS E A

MUSICA DE TODO O MUNDO

CLUBS CASA STANDARD